

---

# O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão

FILIPE J. C. SANTOS\*  
LUÍS AREZ\*  
ANTÓNIO M. MONGE SOARES\*\*  
MANUELA DE DEUS\*\*\*  
PAULA F. QUEIROZ\*\*\*\*  
PEDRO VALÉRIO\*\*  
ZÉLIA RODRIGUES\*  
ANA SOFIA ANTUNES\*\*\*\*\*  
MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO\*\*

## R E S U M O

No âmbito da minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrentes da construção da Conduta Principal do Bloco 3 do Bloco de Rega do Monte Novo, inserido no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, foi identificado e intervencionado um sítio arqueológico na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora), que se revelou ser constituído por duas grandes concentrações, muito próximas uma da outra, de fossas do tipo “silo”. O conjunto artefactual recuperado dos enchimentos dessas estruturas negativas apontam para duas épocas de ocupação: a mais recente, tardo-romana, possivelmente relacionada com a *villa* romana do Monte da Mesquita, que lhe fica muito próxima, e uma outra, a que corresponde a maior parte dos contextos intervencionados, atribuível essencialmente ao Bronze Final, podendo recuar o seu início ao Bronze Pleno. Datações pelo radiocarbono confirmam e precisam esta atribuição. Além de um conjunto cerâmico numeroso, onde se destacam as cerâmicas carenadas e brunidas, mas sem ornatos brunidos, foram também recuperados vestígios arqueometalúrgicos que apontam para a prática da metalurgia do bronze no local. A análise antracológica dos restos lenhosos carbonizados permitiu a identificação do uso de diferentes madeiras, bem como a presença no coberto vegetal regional de formações esclerófilas de carácter mediterrânico. Duas das estruturas negativas serviram, quando já estavam colmatadas, para nelas se

proceder à inumação de dois indivíduos, em posição fetal, e sem dádivas funerárias. Um deles foi já datado pelo radiocarbono, obtendo-se uma data que permite atribuir essa inumação ao Bronze Final ou aos finais do Bronze Pleno. O conjunto de estruturas negativas pré-históricas do Casarão da Mesquita 3 tem paralelos muito próximos no Casarão da Mesquita 4, constituindo com ele, porventura, um único sítio, e também no Monte da Cabida 3 e na Horta do Albardão 3, todos eles situados na Encosta do Albardão. Também na região de Trigaches (Beja) e na margem esquerda do Guadiana, no concelho de Serpa, outros sítios de planície apresentam estruturas negativas do mesmo tipo, a que correspondem, igualmente, ocupações sincrónicas com as do Casarão da Mesquita 3.

## A B S T R A C T

During the Environmental Impact Assessment for the new Monte Novo Irrigation Block, which is related with the implementation of the Alqueva Project, a large Roman *villa* was identified at a place named Monte da Mesquita (São Manços, Évora). The mitigation strategy concerning the eventually threatened archaeological heritage at Monte da Mesquita would be to undertake watching brief by archaeologists when a large infrastructure – a water pipeline – would be inserted crossing the area. In this manner, when the arable ground was removed by machinery near fifty pits dug in the soft rocky substrate were discovered at Casarão da Mesquita 3 (CMESQ3), not far from the Roman villa. The preservation by record of all those structures was approved by the authorities and the excavations were carried out by archaeologists from ArqueoHoje, an archaeological company. The field works revealed that those pits were filled up with earth containing probable kitchen refuse, fragments of pottery, and, in two of them, human burials. The artefacts recovered from those negative structures point out to a chronology from Middle to Late Bronze Age, with the exception of three pits which chronology can be ascribed to a Late Roman period. Radiocarbon dating of several samples (charcoal or bones) confirms the referred chronologies. Besides lots of ceramics, namely high carinated bowls and burnished pottery, some archaeometallurgical remains connected with the processing of bronze alloys – a stone mould for bronze flat axes, bits of slag and copper minerals – were also recovered indicating that bronze metallurgy was performed at the site. The analysis of the charcoal remains reveals the human use of cork-oak, olive-tree, ash and strawberry-tree wood, reflecting the regional presence of Mediterranean sclerophyll cork-oak and olive-tree formations and their related scrubs, as well as the deciduous riparian forest. The two human inhumations had not any associated funerary gifts and the individuals, one in each pit, were buried in a foetal position as is usual during Bronze Age. One of them was radiocarbon dated. The date – Sac-2248 2990±60 BP – points out to a Late Bronze Age (or to the end of the Middle Bronze Age) chronology for that inhumation. Several archaeological sites of the same chronology and with the same kind of negative structures are known near Casarão da Mesquita 3. At Trigaches (Beja) region and also at the Portuguese left bank of the river Guadiana, other archaeological sites very similar and with the same chronology of those ones were recently identified.

## 1. Introdução

No âmbito da minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrentes da construção da Conduta Principal do Bloco 3 do Bloco de Rega do Monte Novo, inserido no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, e no seguimento do acompanhamento arqueológico da frente de obra na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora), foram identificadas duas estruturas

negativas escavadas na rocha-virgem, associadas a materiais cerâmicos, designadamente de construção, com uma cronologia aparentemente da Época Romana. O sítio onde se observavam esses contextos arqueológicos, designado Casarão da Mesquita 3 (CMESQ3), foi então objecto de uma intervenção de campo, que se desenvolveu de finais de Agosto a meados de Outubro de 2006, sob a responsabilidade de dois dos autores (L. Arez e F. Santos)<sup>1</sup>. Resultante dessa intervenção, que se restringiu à zona afectada pela frente de obra, corredor com cerca de 6 m de largura para inserção da conduta, verificou-se que se estava perante uma grande concentração de Fossas tipo "silo"<sup>2</sup>. No entanto, e curiosamente, além das duas Fossas "silo" primeiramente identificadas, provavelmente relacionadas com a villa romana do Monte da Mesquita, que lhe fica muito próxima, apenas uma outra era passível de lhe ser atribuída a mesma cronologia, enquanto as restantes (mais de quatro dezenas) que foram intervencionadas teriam uma cronologia dentro do Bronze do Sudoeste, tendo em conta o acervo artefactual recuperado nos respectivos enchimentos. Estas estruturas negativas, bem como os conjuntos de artefactos e ecofactos recuperados, além dos resultados das análises a que estes já foram sujeitos, constituem o objecto deste trabalho.

## 2. Localização

O Casarão da Mesquita 3 (CMESQ3) localiza-se na freguesia de S. Maços, concelho de Évora, com as seguintes coordenadas: (M. 236882; P. 167331). O ponto de cota mais elevado situa-se a 202 m. O CMESQ3 (Fig. 1) fica próximo da Ribeira do Albardão, que corre a cerca de 200 m a NW, rodeado de pequenas linhas de água tributárias daquela ribeira; dista cerca de 2,5 km (em linha recta) do rio Degebe, afluente do Guadiana. Geologicamente, a região encontra-se numa zona de transição entre xistos e granitos, sendo o substrato existente na área ocupada pelo sítio arqueológico constituído por granitos alterados, brandos e, em consequência, relativamente fáceis de escavar. O solo da planura onde se encontra o CMESQ3 é de boa qualidade agrícola e daí que seja, actualmente, objecto de agricultura intensiva. Devido certamente a essa boa qualidade agrícola e à

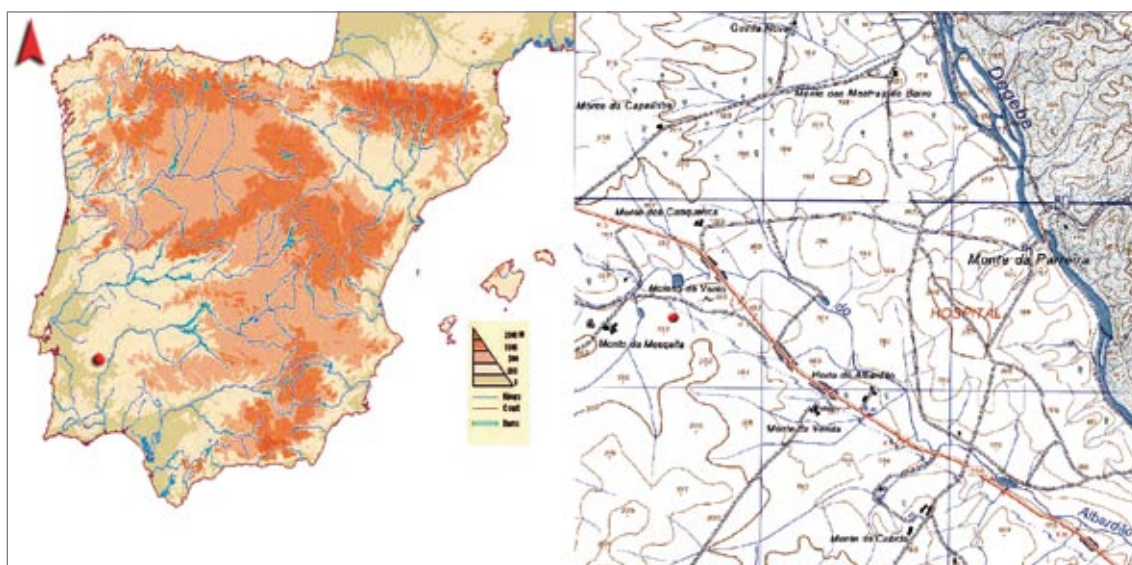


Fig. 1 Localização do sítio do Casarão da Mesquita 3 (CMESQ3) no mapa da Península Ibérica e na C.M.P., Folha 472, esc. 1:25 000.

proximidade dos cursos de água, vários sítios arqueológicos de cronologias diversas têm sido identificados nas proximidades do CMESQ3, designadamente, entre outros, a villa romana do Monte da Mesquita, situada a cerca de 150 m a NE do Moinho de Vento (Fig. 1); a Horta do Albardão 3, com ocupações do Calcolítico e do Bronze, provavelmente também um sítio de Fossas “silo” com esta última cronologia, a cerca de 400 m a E, na outra margem da ribeira do Albardão (Santos & alii, 2009); o Casarão da Mesquita 4, a cerca de 200 m para W, com numerosas Fossas “silo”, com larga diacronia, mas abarcando a Idade do Bronze (Nunes & alii, 2007); e o Monte da Cabida 3, a cerca de 2 km a SE, também um sítio com muitas Fossas “silo” com cronologias diversas, entre elas algumas igualmente datáveis da Idade do Bronze (Antunes & alii, 2008; Soares & alii, 2008).

### 3. Metodologia aplicada. As estruturas identificadas

Os trabalhos iniciaram-se com o registo fotográfico das duas estruturas negativas identificadas durante a fase de acompanhamento arqueológico (Fig. 2), a que se seguiu a limpeza do seu topo e da área envolvente imediata. Esta limpeza permitiu desde logo identificar mais duas estruturas semelhantes, situadas muito próximo daquelas, tendo-se também constatado que se trataria de Fossas tipo “silo”, escavadas no substrato granítico de base. Tendo em consideração que estas poderiam pertencer a um conjunto mais vasto de estruturas negativas, procedeu-se à limpeza do corredor que já tinha sido aberto para inserção da tubagem e em cuja base aflorava a rocha-virgem,



Fig. 2 As primeiras duas estruturas negativas detectadas no acompanhamento arqueológico. São visíveis os materiais de construção de tipologia romana no seu enchimento.



Fig. 3 Estruturas negativas fortemente afectadas pela escavação da vala para inserção da tubagem na extremidade NW do corredor, na área objecto da intervenção arqueológica.

numa extensão de 104 m. Se numa extensão de 40 m a SE da área inicial de escavação nada se encontrou, para NW identificaram-se mais 36 fossas escavadas na rocha granítica. A área de escavação inicial teve de ser consequentemente alargada de forma a poder abarcar a área de dispersão da totalidade das fossas identificadas, traduzindo-se então numa malha de 216 quadrículas de 2 x 2 m. Refira-se que, como está implícito atrás, aquando da intervenção no corredor da obra, tinha já sido retirado por maquinaria pesada todo o solo arável que cobria a rocha de base, o qual constituía uma única camada estratigráfica em toda a área de escavação, como se podia testemunhar nos perfis laterais do corredor. Num caso concreto, já fora do corredor, onde o topo do substrato de base não havia sido afectado pela acção das máquinas, foi possível observar na superfície da rocha sulcos que corresponderiam, muito provavelmente, a marcas de arado. Este facto indicava que aquela camada de solo tinha sido sujeita a constantes e sucessivos revolvimentos pelas práticas agrícolas, que a afectaram em toda a sua potência estratigráfica. Também foi possível observar que a abertura do corredor pelas máquinas se tinha limitado, numa primeira fase (a correspondente à fase anterior à intervenção arqueológica de campo no troço quadrículado), à remoção da camada de solo arável, afectando de forma superficial o topo do substrato rochoso. Essa afectação variou, em geral, entre os 10 e os 30 cm de espessura, conforme foi possível registar nos perfis laterais, ao longo do corredor da obra.

Numa fase mais avançada dos trabalhos arqueológicos foram identificadas mais 9 estruturas negativas, encontrando-se a maior parte delas localizada já fora dos limites da área de escavação até então estabelecida (Fig. 3). De facto, a presença de um grande volume de terras soltas acumuladas na zona compreendida entre o limite NW da área de escavação e a frente de obra, tinha impedido, até então, a identificação dessas fossas. A remoção manual das terras em causa permitiu verificar que, aí, o corredor já tinha sido escavado sensivelmente até à cota de implantação da tubagem (cerca de 2 m abaixo do topo do substrato rochoso), o que deixa supor a eventual destruição de um número indeterminado de fossas. As novas 9 Fossas "silo" situavam-se, quer no canal já escavado, quer nos seus taludes, tendo sido todas afectadas em maior ou menor grau (algumas na sua quase totalidade) pelos trabalhos de obra. No final da intervenção foram, por conseguinte, registadas 49 estruturas negativas, distribuídas, a maior parte delas, por duas grandes concentrações, como se pode observar nas Figs. 4 e 5.

No que concerne à metodologia de escavação aplicada a cada estrutura, principiou-se sempre por limpar a área envolvente de cada fossa, removendo todos os sedimentos que cobriam o subs-



Fig. 4 Vista “aérea” da totalidade da área intervencionada.

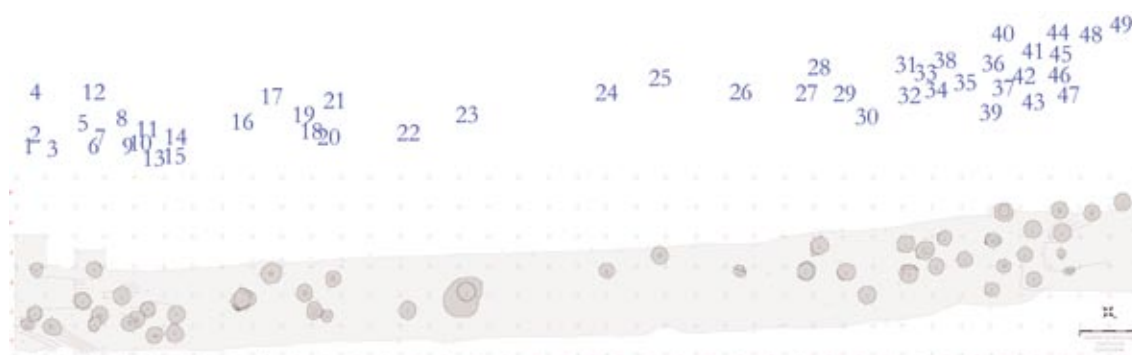


Fig. 5 Plano final da área intervencionada com representação das estruturas negativas.

trato rochoso. De seguida, e após o registo prévio fotográfico do plano, procedeu-se à escavação manual, por camadas estratigráficas, dos sedimentos que preenchiam cada fossa. Para isso definia-se uma linha de corte, situada sensivelmente a meio da fossa, sendo escavada inicialmente apenas metade do seu preenchimento, de forma a obter-se uma melhor leitura e registo das suas respectivas realidades estratigráficas. À camada superior do preenchimento de cada uma das fossas foi atribuída a designação “camada 1”, atribuindo-se uma sequência numérica crescente à sequência estratigráfica presente em cada fossa. Foram efectuados registos gráficos e fotográficos dos planos das estruturas, dos seus respectivos perfis e dos cortes estratigráficos dos seus preenchimentos (Figs. 6 a 11).

A metodologia de escavação e registo arqueológico atrás descritos foram aplicados a todas as Fossas “silo” com duas excepções: as referentes às fossas 27 e 28, onde foram identificados dois enterramentos humanos, pelo que a metodologia de escavação foi condicionada pelas especificidades dos trabalhos bio-antropológicos que aí foram desenvolvidos.

Além dos artefactos recolhidos nos preenchimentos das estruturas, os quais foram referenciados pelo número atribuído à Fossa “silo” respectiva e à camada estratigráfica donde provinham, procedeu-se também à recolha de sedimentos, carvões e fauna de cada camada identificada no pre-

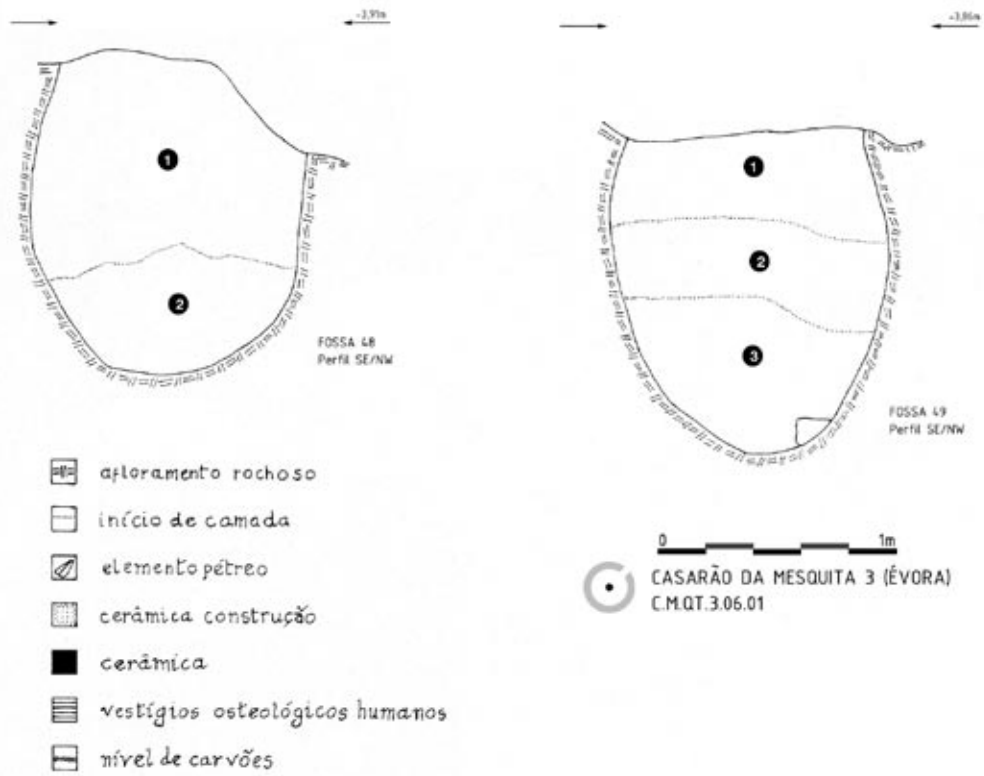


Fig. 6 Perfis das Fossas "silo" 48 e 49.

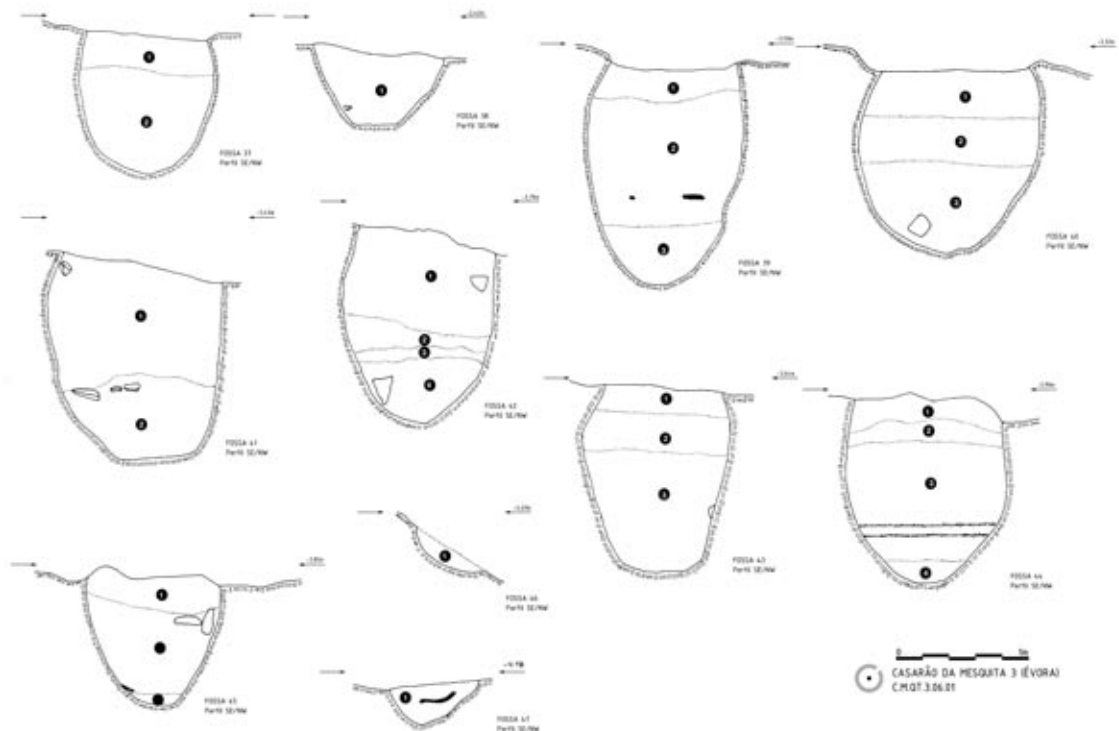


Fig. 7 Fossas 37 a 47. Mesma legenda da Fig. 6.

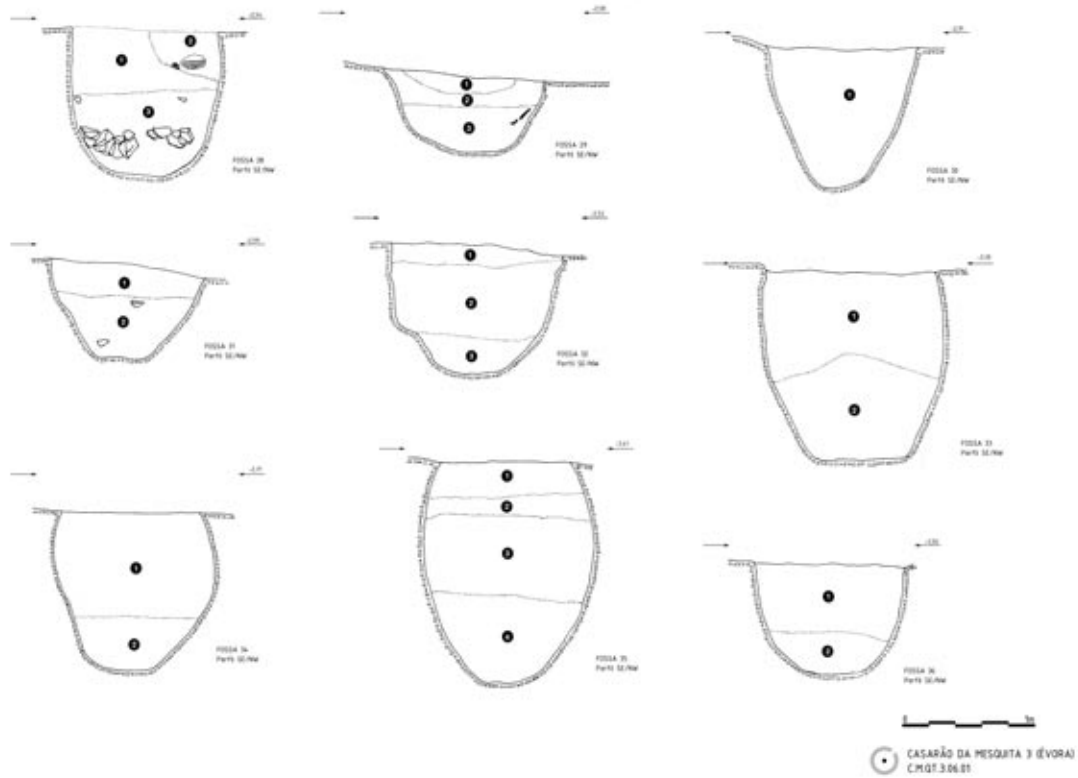


Fig. 8 Fossas 28 a 36. Mesma legenda da Fig. 6.

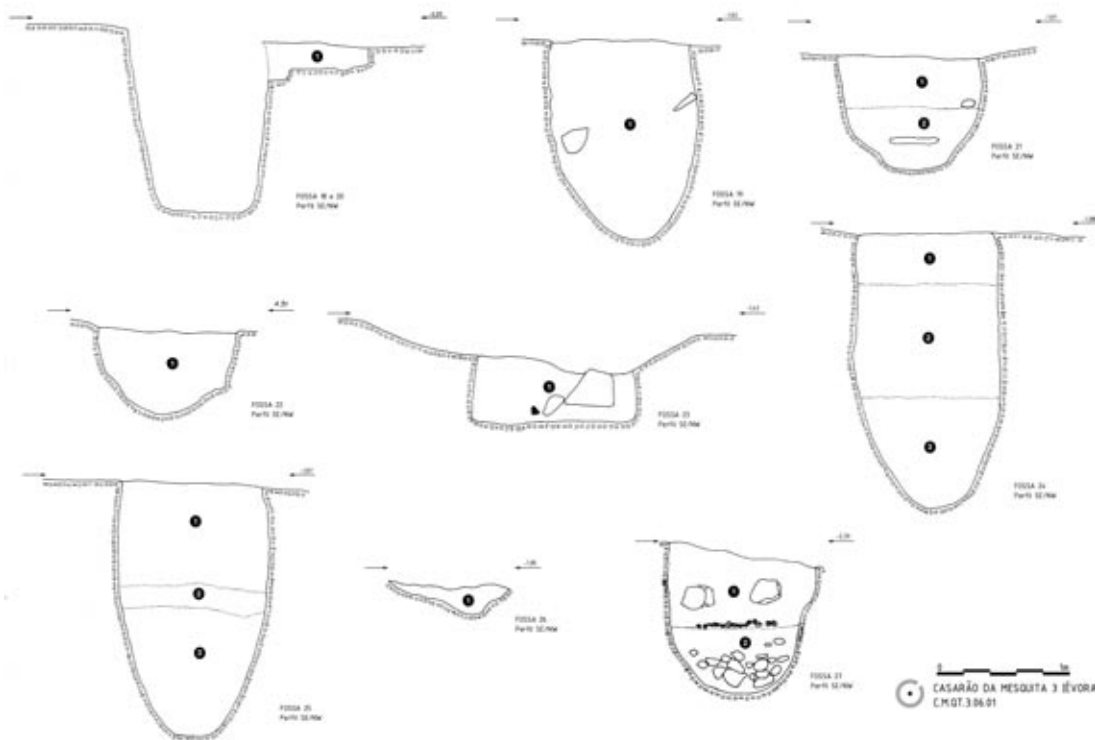


Fig. 9 Fossas 18 a 27. Mesma legenda da Fig. 6.



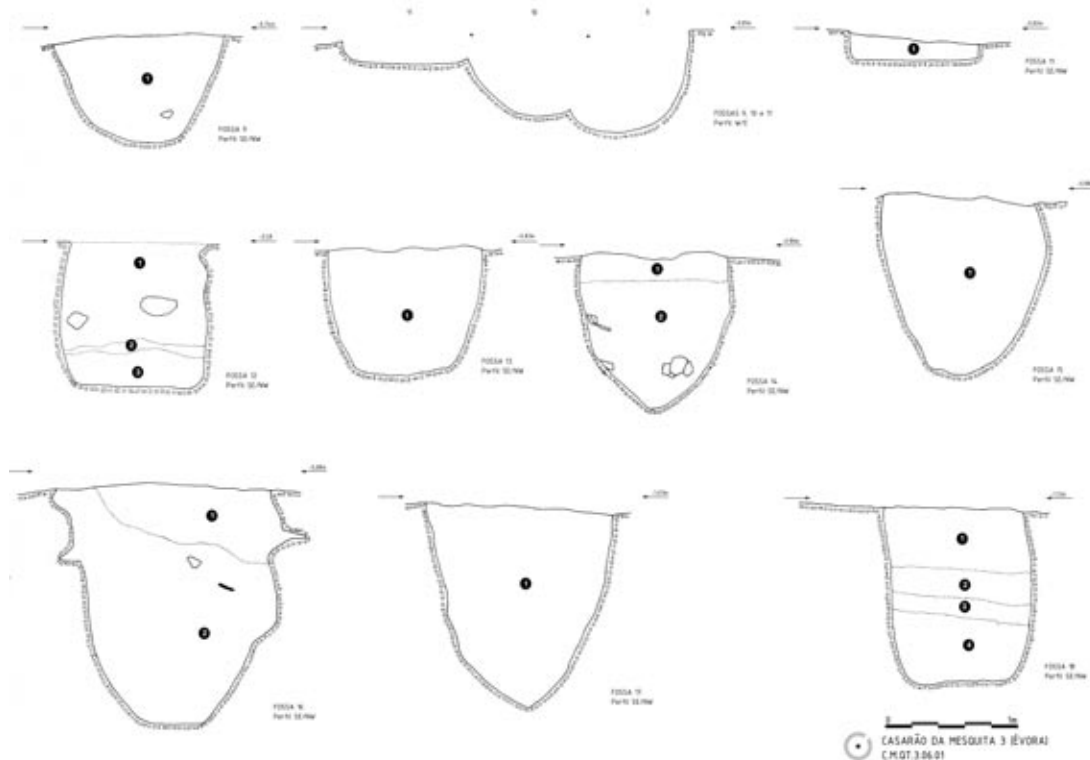


Fig. 10 Fossas 9 a 18. Mesma legenda da Fig. 6.

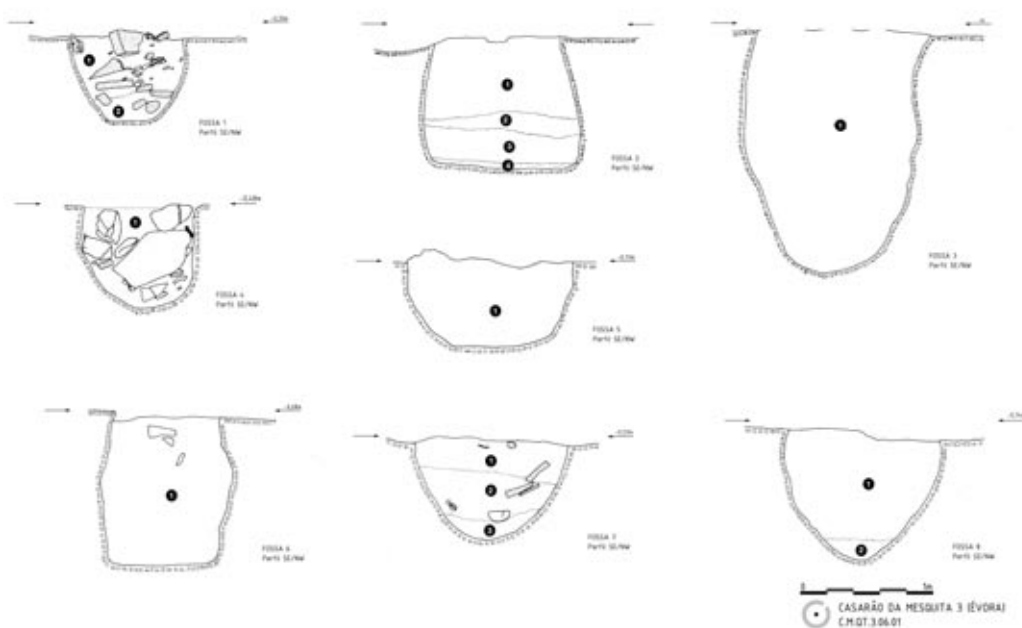


Fig. 11 Fossas 1 a 8. Mesma legenda da Fig. 6.

enchimento da fossa em causa. Em algumas Fossas “silo” foi possível identificar, no seu preenchimento, camadas constituídas essencialmente por saibro e cuja espessura não é pequena se comparada com as espessuras das restantes camadas presentes nas estruturas onde esse sedimento saibroso está presente. Essa camada de saibro, que é, regra geral, estéril arqueologicamente, ocorre nas Fossas “silo” 24, 25, 32, 33 e 34, fossas que se encontram próximas umas das outras, em dois pequenos núcleos (Fig. 5). Em todo o caso, verificou-se que não existem na área de concentração de fossas SE estruturas que apresentem camadas de enchimento compostas essencialmente por saibro.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos (restritos ao corredor da obra) não evidenciaram a existência de quaisquer outras estruturas para além das 49 estruturas negativas identificadas. Como já foi referido, somente num ou noutro caso pontual foi possível escavar a camada superficial do sítio (solo arável) no seu contexto original. Isso ocorreu nas situações em que a Fossa “silo” era visível no perfil do talude, mas esta se situava já no exterior do corredor escavado (como foram os casos das Fossas “silo” 4 e 12). Nestes casos concretos, o topo do substrato de base não havia sido afectado pela acção das máquinas, permitindo-nos assim ter acesso à realidade estratigráfica original. Esta circunstância permitiu-nos observar duas realidades relacionadas entre si — por um lado, a superfície do substrato rochoso apresentava-se marcada por sulcos correspondentes a marcas do arado; por outro, constatou-se que o plano superior conservado das estruturas não apresentava qualquer sistema de fecho e poderia já não corresponder ao seu topo original.

Não resulta fácil tentar estabelecer uma tipologia das estruturas negativas registadas no CMESQ3, até porque quase todas apresentam características próprias (Figs. 6 a 11). Em linhas gerais, poder-se-á dizer que estão presentes fossas de perfil oval, de perfil cónico com fundo plano estreito, de paredes “direitas” e fundo plano largo, grandes fossas de perfil cónico e grandes fossas de perfil ovalado. Embora não seja fácil tentar associar a distribuição espacial das fossas a tipologias, constata-se que a ocorrência das de fundo plano se dá sobretudo na área SE de concentração destas estruturas negativas (Fossas “silo” 2, 6, 11, 12 e 18), não ocorrendo na área de concentração NW. Por outro lado, há uma maior ocorrência das grandes fossas de perfil cónico na área de concentração NW, ainda que estas existam também na área SE.

Na zona de concentração de fossas SE foram detectados dois tipos de situação que não se verificam na zona de concentração NW: trata-se das situações de adossamento e de corte de fossas. A situação de adossamento ocorre, como o nome indica, quando uma fossa é escavada imediatamente ao lado de outra já existente, não sendo possível inferir qual delas foi primeiro escavada, a não ser se existir uma diferença cronológica perceptível entre os conjuntos artefactuais recuperados nos enchimentos respectivos. Situações de adossamento ocorrem nos casos concretos das fossas 1–2, 10–11, 14–15 e 18–20. Em todos os casos, o contacto verifica-se apenas, numa área muito restrita, na parte superior das fossas (Fig. 12). A situação de corte ocorre quando uma Fossa “silo” é escavada parcialmente no espaço que outra já ocupava, cortando-a e passando a ocupar parte do seu espaço. Esta situação ocorre nos casos das Fossas “silo” 6–7 e 9–10 (Fig. 13). No primeiro caso, foi claramente verificado que a 7 foi escavada num momento em que a 6 já se encontrava completamente colmatada com sedimentos. No outro caso, a 10 terá sido escavada posteriormente à 9, tendo ficado adossada à 11 ou tendo esta última sido posteriormente escavada ficando assim adossada à 10. O caso de adossamento das fossas 11–10 parece similar ao das 20–18: em ambos, as fossas 11 e 20 são de reduzida profundidade (22 cm e 16 cm, respectivamente), encontrando-se adossadas a fossas de maior profundidade (Fossas “silo”), não existindo parede de separação entre elas. Pode colocar-se a hipótese de, em cada caso, se estar não perante duas estruturas mas sim perante uma estrutura compósita, em cuja utilização existiria uma fase inicial de preparação de um “produto”, que se realizaria na zona de pouca profundidade, para numa fase posterior ser colocado na de maior profundidade.



Fig. 12 Adossamento de fossas. À esquerda: Fossas "silo" 1 e 2; à direita: Fossas "silo" 14 e 15.

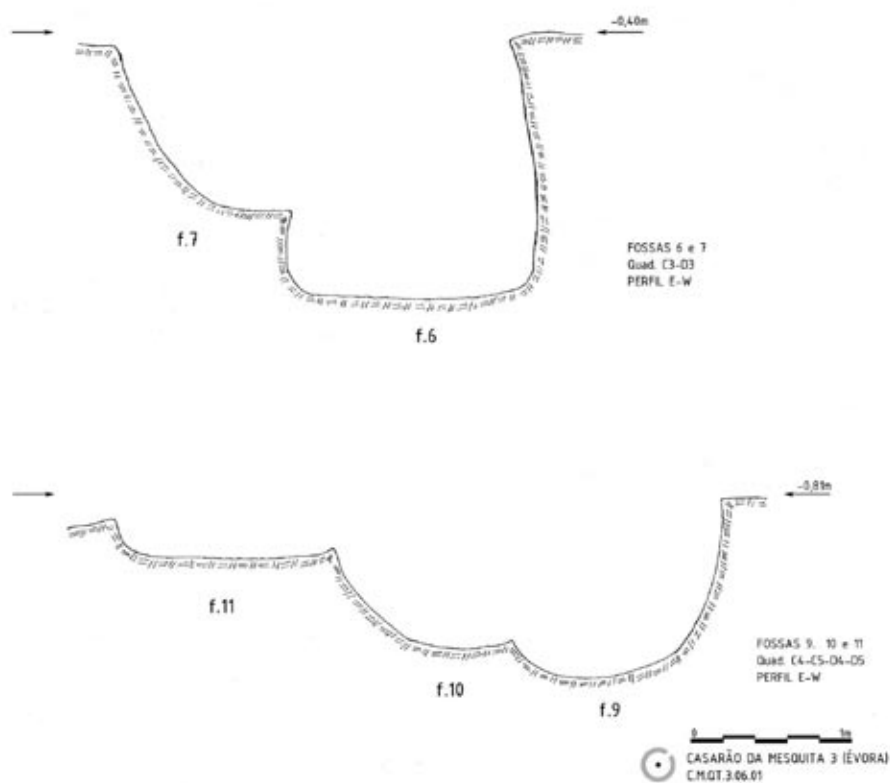


Fig. 13 Fossas em situações de corte. Fossas "silo" 6-7 e 9-10.

## 4. Artefactos e ecofactos

Na maior parte das Fossas “silo” do CMESQ3, para além da recolha de numerosos fragmentos de cerâmica e alguns líticos, foram ainda recolhidos fragmentos de “cerâmica de revestimento”, bem como vestígios osteológicos de fauna mamalógica e carvões. Deverá referir-se que, em prospecção superficial, não foram identificados quaisquer artefactos que pudessem ser atribuídos a uma ocupação pré- ou proto-histórica do CMESQ3; à superfície surgiam, apenas, alguns fragmentos rolados de cerâmica doméstica e fragmentos de cerâmica de construção, a que se podia atribuir uma cronologia da Época Romana ou Tardo-Romana, e relacionados, provavelmente, com a villa romana do Monte da Mesquita. Das 49 estruturas negativas registadas no CMESQ3 apenas 3 — as Fossas “silo” 1, 4 e 7 — apresentavam preenchimentos a que se pode atribuir essa cronologia. As restantes, como veremos, são atribuíveis à Idade do Bronze.

### 4.1. A cerâmica

A cerâmica<sup>3</sup> constitui, como é usual em estruturas ligadas a sítios de habitat, o conjunto mais numeroso dos artefactos recuperados em escavação. Nas Figs. 14 a 19 apresenta-se uma selecção daquela que permite uma reconstituição total ou parcial dos vasos ou de cujo perfil se pode inferir a época a que pertencem. É patente a existência de uma tipologia de formas variada, na qual se podem distinguir, seguindo de perto Enríquez Navascués e Drake García (2007, pp. 111–117), 7 grandes grupos:

1. Um primeiro grupo constituído por taças carenadas, com carena média ou alta bem marcada, com o bordo de lábio arredondado e extrovertido, fundo plano; podem atingir dimensões apreciáveis, com diâmetros de boca da ordem dos 40 cm. Apresentam-se geralmente com uma ou, mais frequentemente, com as duas superfícies brunidas de cor escura. Os exemplares deste grupo, dos quais alguns foram recuperados praticamente completos, constituem cerca de metade do número de vasos cuja forma é determinável (92 em 187). Na Fig. 14, n.ºs 2 a 13, e na Fig. 15, n.ºs 1, 2, 10 e 11, representam-se alguns dos vasos deste grupo.
2. Formas também carenadas, mas mais fundas que as do grupo anterior e relativamente fechadas; as carenas são também, normalmente, menos pronunciadas que as do grupo anterior. Encontram-se representadas na Fig. 14, n.º 1, e na Fig. 15, n.ºs 3 a 9 e 12. Frequência desta forma: 13 em 187 (7%).
3. Formas hemisféricas simples. Ver Fig. 14, n.º 14 e Fig. 19, n.º 1. Relativamente rara: 7 em 187 (4%).
4. Formas esféricas, por conseguinte, mais fechadas que as anteriores. Alguns exemplares apresentam mamilos no bordo ou próximo do bordo. Frequência: 9 em 187 (5%). Encontram-se representadas, por exemplo, na Fig. 17, n.ºs 1 a 7, e na Fig. 16, n.ºs 8 e 10.
5. Formas fundas, de corpo globular, mas com bordos inseridos em paredes rectas, que constituem a metade superior do vaso; bordos rectos ou ligeiramente extrovertidos. Encontram-se representadas na Fig. 16, n.ºs 1, 4, 6, 12; na Fig. 17, n.ºs 10, 11, 16, 17; Fig. 18, n.ºs 4, 5, 8. Os exemplares desta forma são os mais numerosos a seguir aos carenados da forma 1: 55 em 187 (29%).

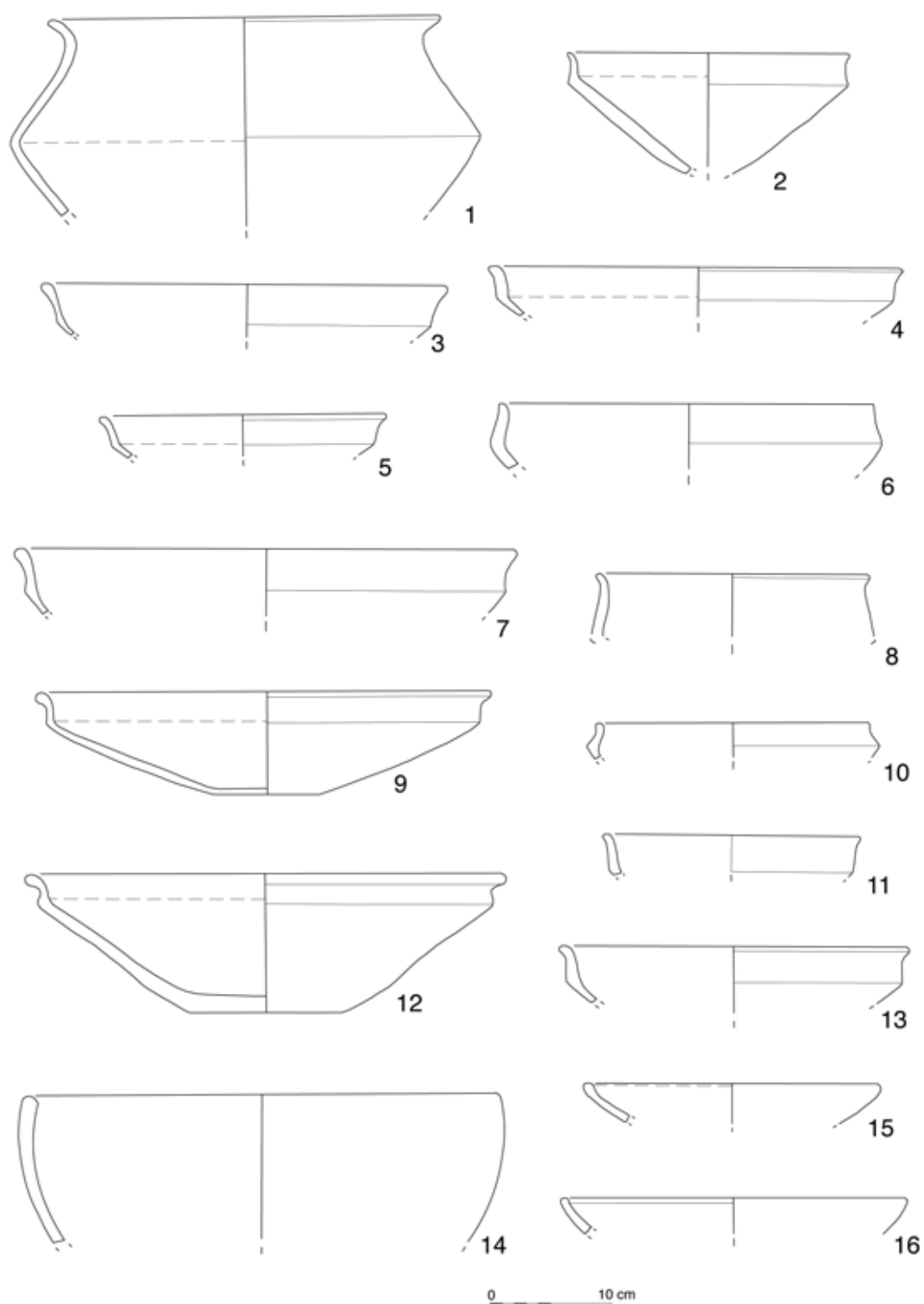


Fig. 14 Cerâmica.

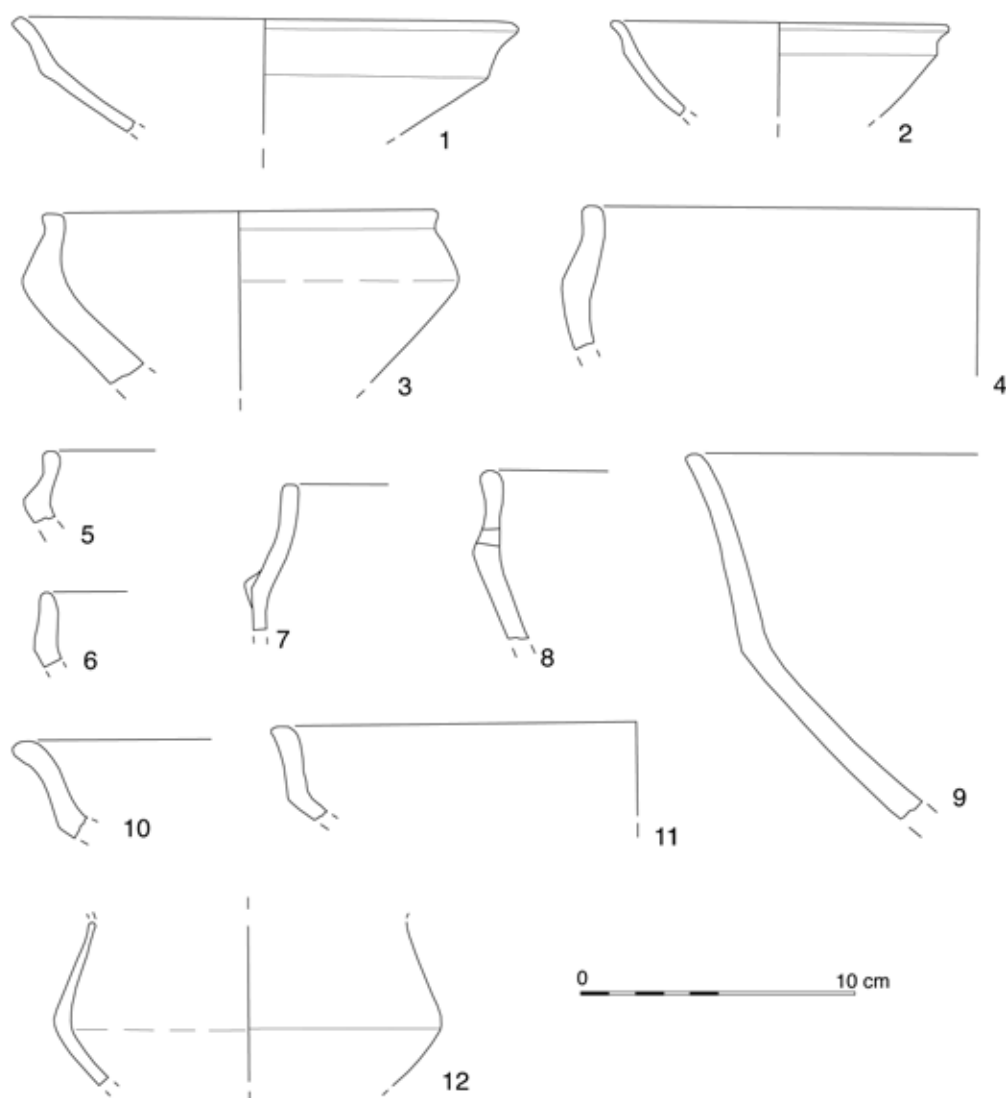


Fig. 15 Cerâmica.

**6.** Formas abertas em calote esférica. Nas Figs. 14, n.<sup>os</sup> 15 e 16; Fig. 18, n.<sup>os</sup> 16 e 17, encontram-se representados alguns exemplares. Frequência: 5 em 187 (3%).

**7.** Potes de boca relativamente fechada, normalmente de dimensões grandes, paredes espessas, diâmetro do bordo superior a 20 cm, sendo este espessado e normalmente extrovertido. Encontram-se representados na Fig. 16, n.<sup>o</sup> 13; Fig. 17, n.<sup>os</sup> 12 e 15; Fig. 18, n.<sup>o</sup> 15. Frequência: 6 em 187 (3%).

Outras formas encontram-se representadas no CMESQ3. No entanto, devido à pequena dimensão e estado de fragmentação dos bordos, a reconstituição da forma que lhes corresponde é muito problemática. Estão neste caso 99 bordos que consideramos como de formas indeterminadas. Alguns estão representados nas Figuras que temos vindo a mencionar, como por exemplo os n.<sup>os</sup> 13 e 14 da Fig. 18 ou o 3 e o 4 da Fig. 19. Por outro lado, o pequeno vaso completo com o n.<sup>o</sup> 2

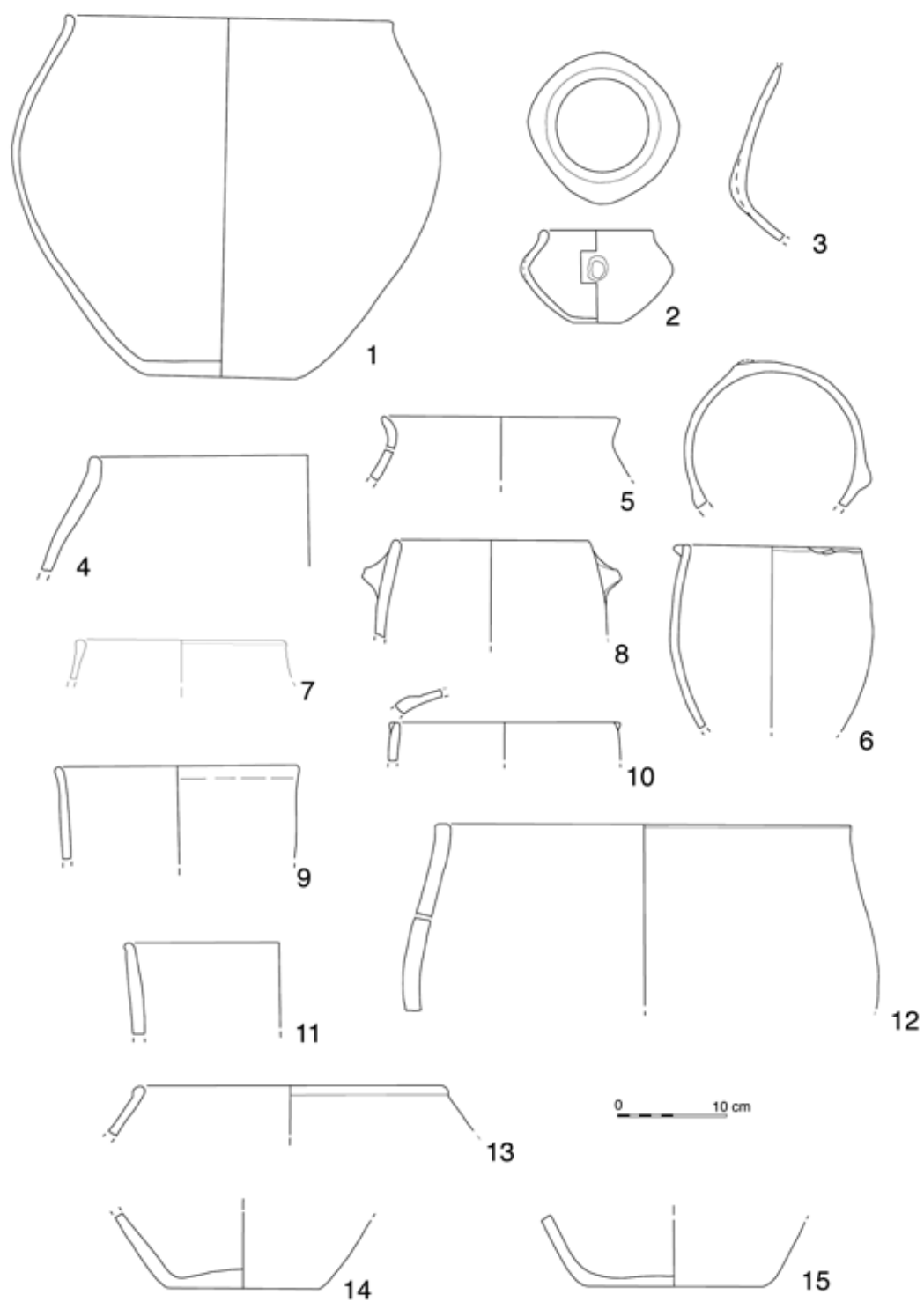


Fig. 16 Cerâmica.

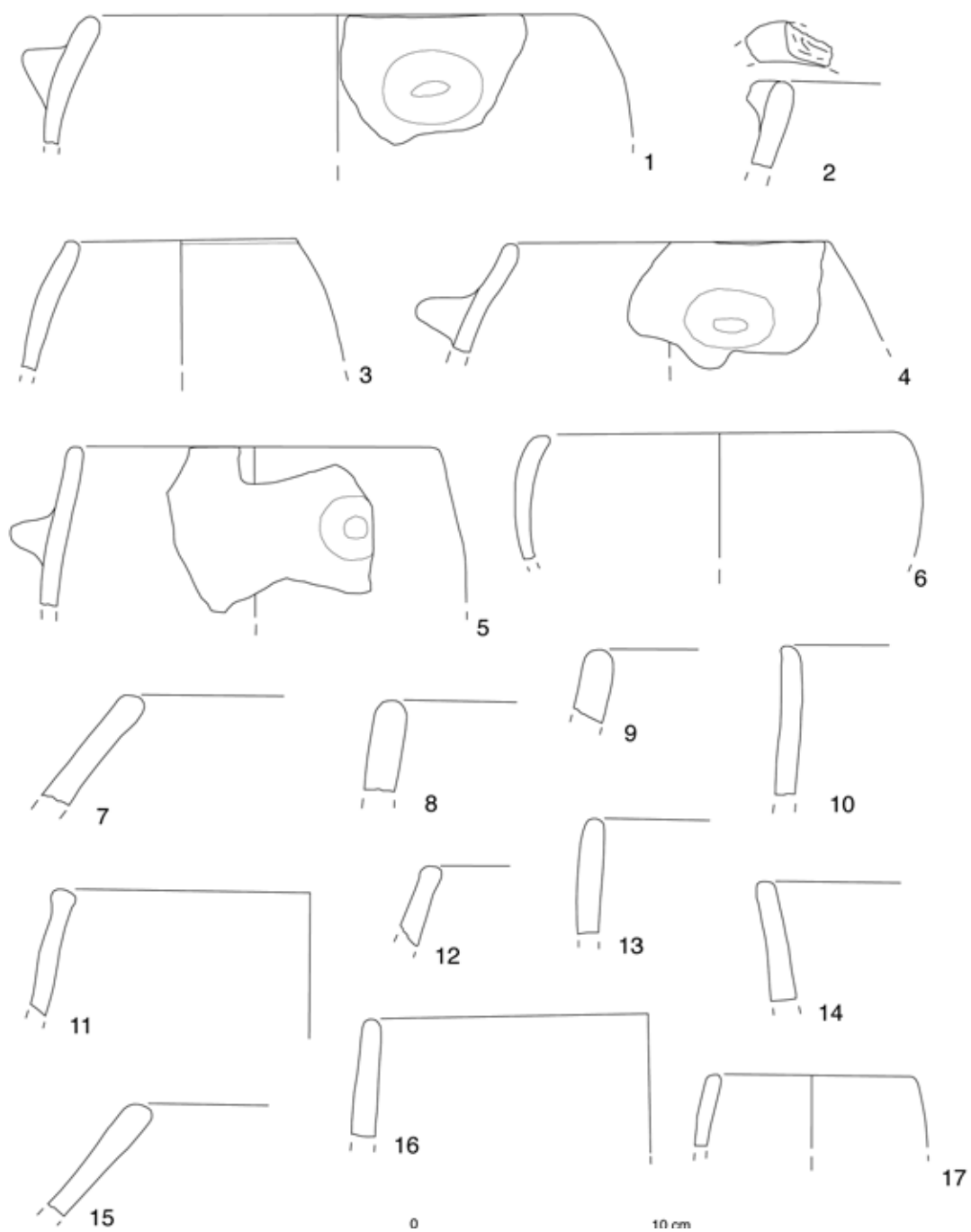


Fig. 17 Cerâmica.



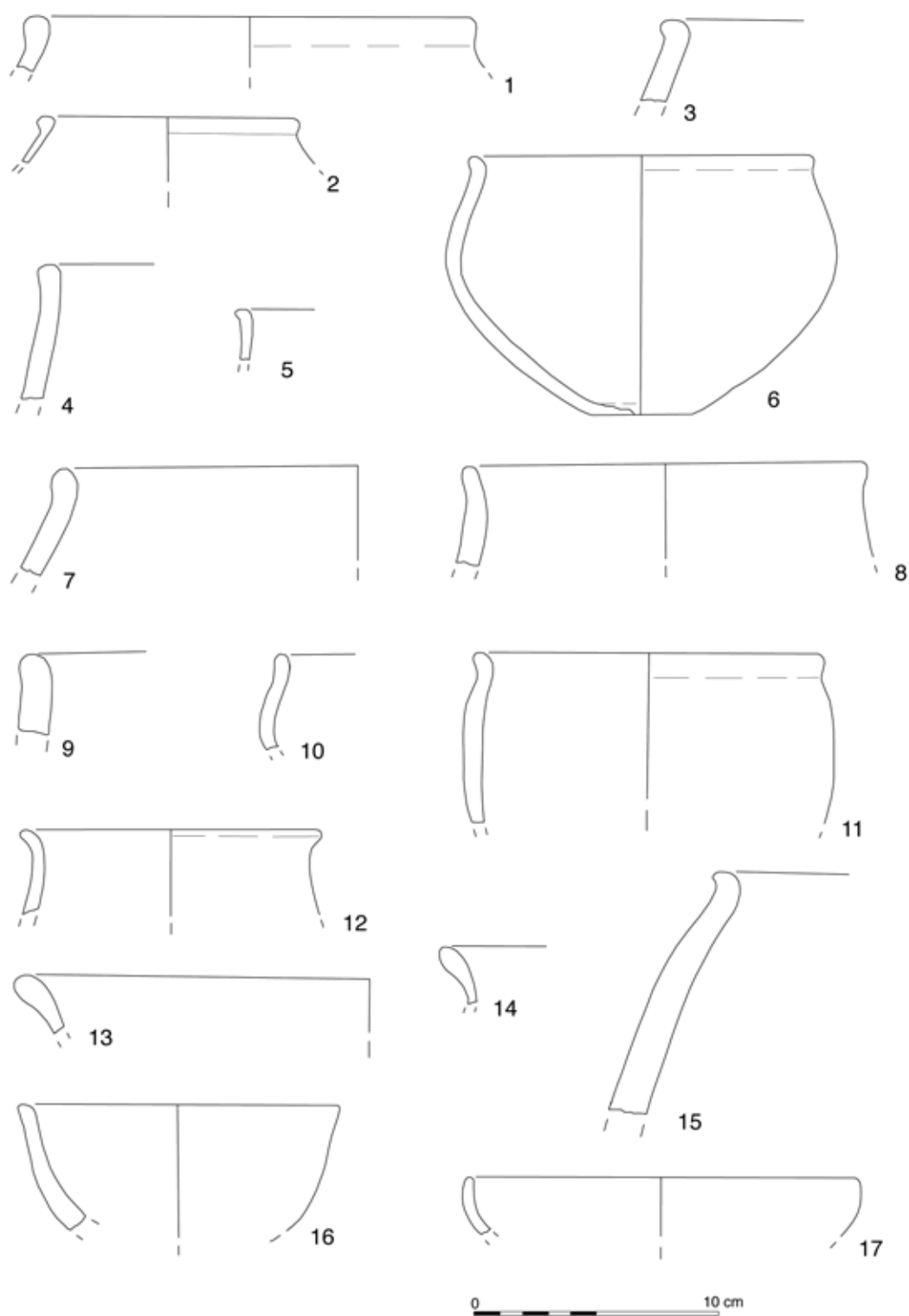


Fig. 18 Cerâmica.

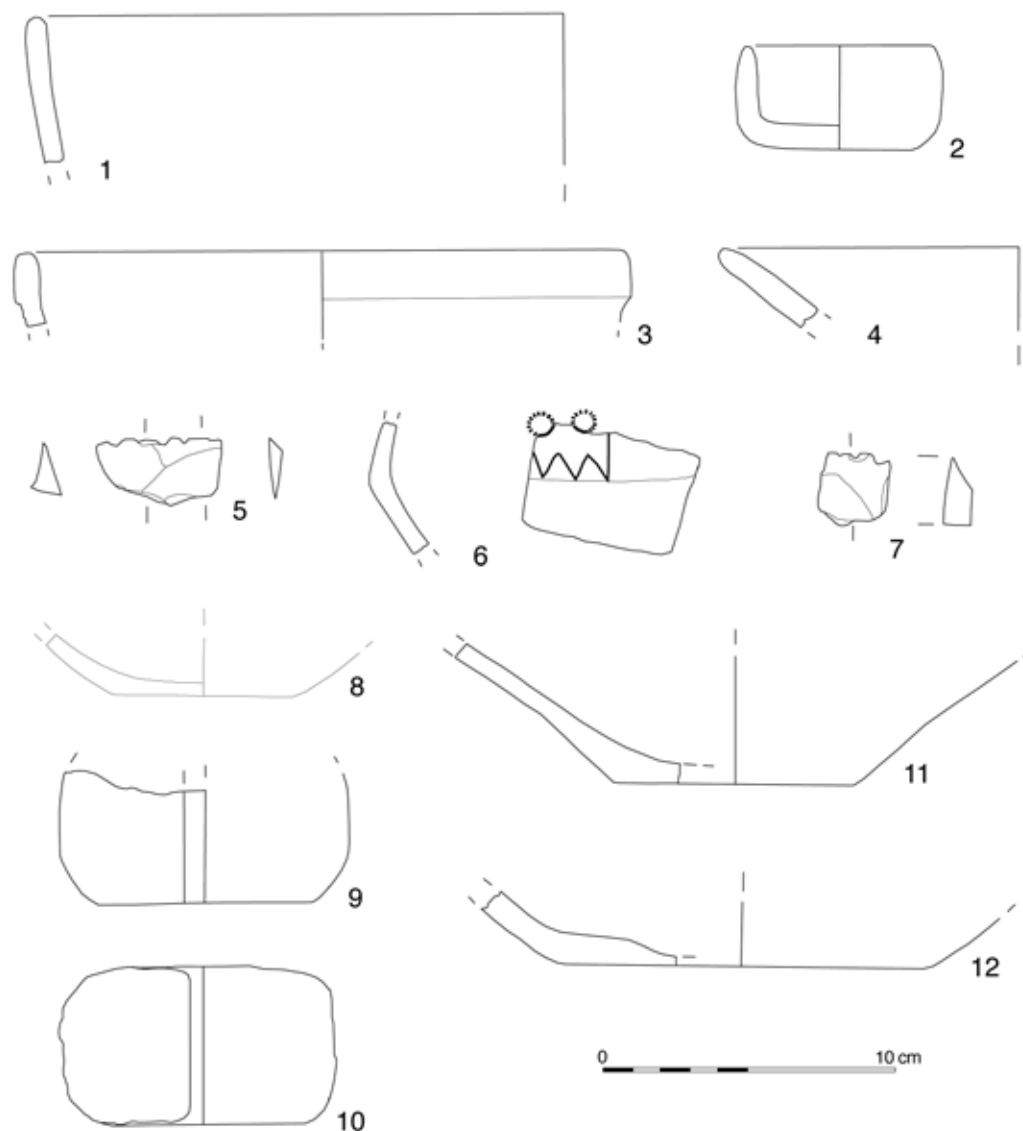


Fig. 19 Vasos cerâmicos - 1 a 4, 6, 8, 11 e 12; pesos de tear - 9 e 10; líticos: 5 e 7.

da Fig. 19 é, aparentemente, exemplar único e, por isso, não formamos com ele qualquer grupo. Refira-se, além disso, que este vaso se encontrava à superfície no preenchimento da Fossa “silo” 1, de cronologia tar-do-romana.

Gostaríamos de chamar também a atenção para a “decoreção” dos vasos com os n.ºs 2 e 3 da Fig. 16, para a qual não conhecemos paralelos. O primeiro encontra-se inteiro e o segundo apresenta a superfície externa brunida. Ambos apresentam protuberâncias na superfície externa, semelhantes a mamilos, mas que resultam de um ligeiro pressionamento da superfície interna, quando a pasta ainda apresentava plasticidade. Estas protuberâncias originam, pelo menos no n.º 2, uma projecção no plano a tender para o quadrangular, se a mesma é centrada no eixo vertical do vaso. Estes dois casos, a que se poderiam adicionar os dos vasos com mamilos no bordo ou junto a este, constituiriam a única cerâmica decorada encontrada na intervenção em CMESQ3, se não tivesse

sido recolhida na Fossa “silo” 2, na camada 1, o fragmento decorado representado com o n.º 6 na Fig. 19 e, também, na Fig. 20. Trata-se de um fragmento de vaso carenado com decoração incisa (linhas quebradas) e impressa (círculos), que se filia na cerâmica Proto-Cogotas. Tem os paralelos mais próximos no “campo de hoyos” do Carrascalejo, Badajoz (Enríquez Navascués & Drake García, 2007). Deverá, por fim, frisar-se que, embora uma grande parte da cerâmica recolhida no CMESQ3 apresente uma ou ambas as superfícies brunidas, algumas delas com um brunimento negro, brilhante, de excelente qualidade, as decorações com ornatos brunidos não foram identificadas na intervenção ali realizada.



Fig. 20 Fragmento de vaso carenado com decoração Proto-Cogotas (Fig. 19, n.º 6).

A análise macroscópica das pastas de uma amostra de cerâmica constituída pelos 187 vasos ou fragmentos de vaso que permitem uma reconstituição das formas em que se filiam, a que se juntaram os outros 99, já atrás referidos, que se consideraram como pertencendo a formas indeterminadas, permitiu a identificação de dois tipos de fabrico, que correspondem a cerca de 65% do total de exemplares da amostra, e que se definiram da seguinte forma:

Fabrico A – Pasta castanha. Superfícies simplesmente alisadas. E.n.p. abundantes de grão médio. Predominam as formas mais ou menos fechadas. 86 exemplares (30% da amostra);

Fabrico B – Pasta com o núcleo escuro, compacta, muito dura. Uma ou ambas as superfícies brunidas. Predominam as formas carenadas – a maior parte da cerâmica de forma 1 apresenta este fabrico. 96 exemplares (34% da amostra).

Além da cerâmica atrás referida, deverão também mencionar-se dois pesos de tear (Fig. 19, n.ºs 9 e 10) recuperados no CMESQ3. São cilíndricos, de dimensões muito semelhantes, com um furo igualmente cilíndrico no centro das bases.

#### 4.2. A cerâmica de revestimento

Recuperaram-se numerosos fragmentos da denominada cerâmica de revestimento. Alguns apresentam uma superfície plana muito bem alisada (Fig. 21). Esta cerâmica de revestimento foi recuperada predominantemente na concentração de Fossas “silo” NW (cerca de 230 fragmentos em oposição a apenas 4 fragmentos encontrados na área de concentração de estruturas SE), o que pode indiciar a proximidade de estruturas habitacionais.



Fig. 21 Fragmento de cerâmica de revestimento com uma das superfícies plana.

#### 4.3. Líticos

Foram registados diversos calhaus rolados de quartzito, tendo alguns exemplares servido como percutores. Para além destes artefactos líticos e de um pequeno movente de granito rosado, foram recuperados dois elementos de foice, obtidos a partir de lascas de calhau rolado de quartzito. Macroscopicamente parecem provir do mesmo calhau rolado (Fig. 19, n.ºs 5 e 7; Fig. 22). Foram ambos encontrados na Fossa “silo” 41.



Fig. 22 Elementos de foice de quartzito provenientes da Fossa “silo” 41.

#### 4.4. Vestígios metalúrgicos

Embora em número reduzido, são importantes os vestígios arqueometalúrgicos referidos na Tabela 1, encontrados durante a intervenção de campo no CMESQ3. Os fragmentos de minério, as escórias e fragmento de molde bivalve de pedra (Fig. 23) indiciam claramente que a metalurgia do bronze se praticava no CMESQ3. A análise por espectrometria de fluorescência de raios X, dispersiva de energias, dos fragmentos de minério permitiu confirmar que estes são minérios de cobre (muito provavelmente malaquite), em que o estanho se encontra presente, como impureza, em todos eles (Fig. 24). Tal facto poderá revestir-se de importância, uma vez que constitui usualmente uma assinatura importante para o estabelecimento de uma origem geográfica para estes minérios e, por outro lado, poderá também estar na base dos designados “bronzes” pobres em estanho, por vezes presentes em certas colecções de artefactos metálicos coevos. No entanto, note-se que as análises não invasivas já realizadas aos dois únicos artefactos metálicos recuperados no CMESQ3 (conta e fragmento de lâmina) apontam para bronzes binários com teores em estanho da ordem dos 10% (Soares & alii, 2007, Tabela 1). Os dois fragmentos de escórias parecem ser o resultado de operações de redução de minérios talvez idênticos aos atrás referidos. Análises químicas e estruturais a que se irá proceder destes vestígios arqueometalúrgicos permitirão inferir, com maior grau de certeza, o tipo de operação metalúrgica de que são resultantes. Já o fragmento de molde bivalve em pedra apresenta vestígios de cobre, estanho e chumbo pelo que seria utilizado em operações de vazamento de ligas binárias (ou ternárias?) de bronze para obtenção de machados planos. O estudo a que se procedeu deste artefacto (Soares & alii, 2007) permitiu identificar o material de que é feito — esteatite — e que a substância negra, de aspecto algo gorduroso, que cobria a superfície interna do molde propriamente dito, era negro de fumo obtido a partir da queima de ossos. É a primeira vez que esta substância é identificada em moldes de pedra, embora negro de fumo de origem indeterminada tenha já sido referido em moldes de bronze (Mohen, 1990, p. 40). A sua função seria a de facilitar a operação de vazamento no molde da liga metálica fundida, designadamente pela protecção do mesmo e pela facilidade de destacamento posterior do artefacto produzido do molde onde foi vazado.

Tabela 1. Análises semiquantitativas por EDXRF dos vestígios arqueometalúrgicos recuperados no Casarão da Mesquita 3

| Proveniência | Tipo de vestígio              | Cu    | Sn    | As    | Pb    | Fe    |
|--------------|-------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Fossa 8/C1   | Molde de pedra *              | +     | +     | n.d.  | +     | n.d.  |
| Fossa 2/C2   | Escória                       | ++    | vest. | n.d.  | n.d.  | ++    |
| Fossa 9/C1   | Escória (?)                   | ++    | vest. | n.d.  | n.d.  | ++    |
| Fossa 2/C1   | Minério (malaquite)           | ++    | vest. | vest. | n.d.  | ++    |
| Fossa 5/C1   | Minério (malaquite) *         | ++    | +     | vest. | n.d.  | +     |
| Fossa 6/C1   | Minério (malaquite)           | ++    | vest. | vest. | n.d.  | +     |
| Fossa 9/C1   | Minério (malaquite + quartzo) | ++    | vest. | vest. | n.d.  | ++    |
| Fossa 12/C1  | Minério (malaquite) *         | ++    | vest. | n.d.  | n.d.  | ++    |
| Fossa 24/C1  | Minério (malaquite)           | ++    | vest. | n.d.  | n.d.  | ++    |
| Fossa 42/C1  | Conta de colar *              | ++    | +     | n.d.  | n.d.  | vest. |
| Fossa 49/C1  | Lâmina (fragmento) *          | ++    | +     | vest. | vest. | vest. |
| Fossa 1/C1   | Fragmento metálico informe ** | vest. | vest. | n.d.  | ++    | +     |

n.d. - não detectado; vest. - vestigial; + - elemento minoritário; ++ - elemento maioritário.

\* Análises por EDXRF já publicadas em Soares & alii, 2007.

\*\* Cronologia tardo-romana. Existem também outros fragmentos metálicos de ferro, com a mesma cronologia, não analisados por EDXRF.

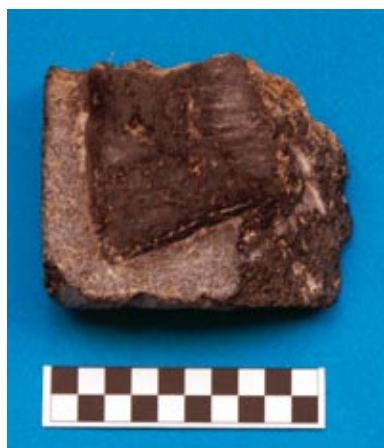


Fig. 23 Fragmento de molde bivalve de esteatite para machados planos de bronze. A substância negra que cobre o molde propriamente dito é negro de fumo obtido a partir da queima de ossos.

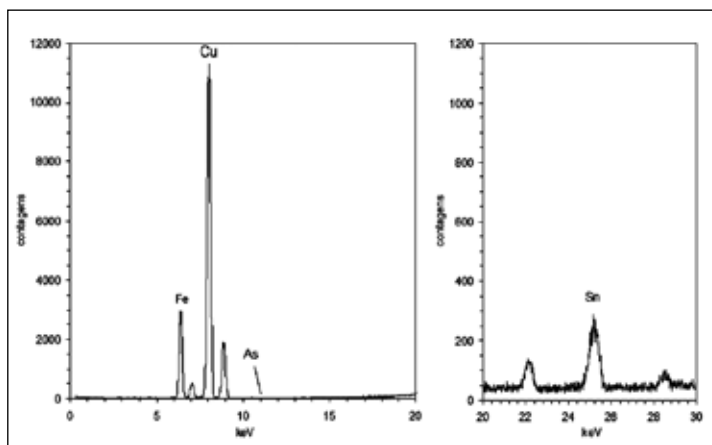


Fig. 24 Espectros de fluorescência de raios X, dispersiva de energias, do fragmento de minério proveniente da Fossa 9/C1 (à esquerda, com alvo secundário de prata; à direita, com alvo secundário de gadolínio).

#### 4.5 Materiais orgânicos

Foi recolhida em escavação diversa fauna mamalógica que se encontra ainda em fase de análise. Também se colheram, no enchimento das fossas, diversos restos lenhosos carbonizados, os quais já foram objecto de estudo. Estes, no total, constituem 55 amostras, provenientes de 30 das fossas escavadas, a partir das quais se procedeu à análise e identificação de 211 fragmentos de carvão. Os resultados encontram-se expressos na Tabela 2 e, de forma mais expressiva, nos gráficos das Figs. 25 e 26.

O conjunto de espécies lenhosas identificado, proveniente de contextos atribuíveis ao Bronze Pleno e Final, é pouco diversificado, estando apenas representados 4 diferentes tipos morfológicos, correspondendo às seguintes espécies: sobreiro (*Quercus suber*), zambujeiro/oliveira (*Olea europaea*), freixo (*Fraxinus angustifolia*) e medronheiro (*Arbutus unedo*). Em contexto tardo-romano foram identificados 3 tipos morfológicos, os quais correspondem à azinheira (*Quercus rotundifolia*), ao zambujeiro/oliveira e à esteva/roselha (*Cistus*).

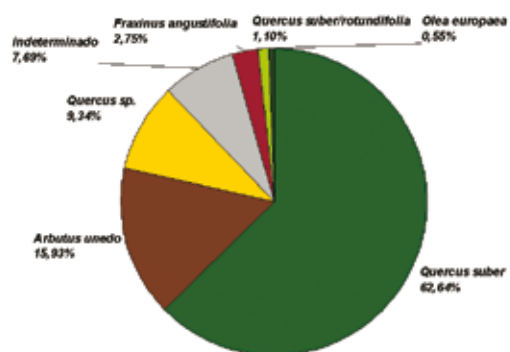


Fig. 25 Valores percentuais dos diferentes tipos xilomorfológicos identificados no conjunto de amostras das fossas atribuíveis à Idade do Bronze, do Casarão da Mesquita 3.

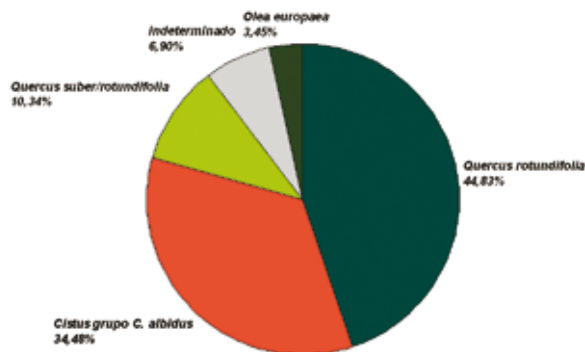


Fig. 26 Valores percentuais dos diferentes tipos xilomorfológicos identificados no conjunto de amostras da Fossa 1, de cronologia romana, do Casarão da Mesquita 3.

A presença de restos de carvão nas fossas de cronologia pré- e proto-histórica poderá testemunhar o uso de madeira como fonte de energia (lareiras, fornos), ou matéria-prima (construção de estruturas, artefactos...) – contextos utilitários, no entanto, não directamente vislumbráveis nesta abordagem. Refira-se a boa qualidade da maioria destas madeiras (sobreiro, oliveira e medronheiro) enquanto fonte energética, devido ao seu alto valor calórico. O medronheiro tem mesmo sido uma das madeiras mais utilizadas como combustível de lareiras domésticas, preferida tanto pelo seu alto potencial calórico como pela sua facilidade no atear dos fogos devido ao seu elevado teor em alcalóides. Para além de lenha, os restos de sobreiro e de oliveira poderão também corresponder a restos de madeira utilizada na construção e edificação de estruturas. A madeira de freixo, por seu lado, de grande qualidade e resistência, poderia ser utilizada no fabrico artesanal e, também, na construção de estruturas.

**Tabela 2. Resultados da identificação botânica do conjunto de carvões vegetais recolhidos nas fossas do sítio do Casarão da Mesquita 3**

*Casarão da Mesquita 3 – Análise antracológica*

|                        |              | <i>Quercus suber</i> | <i>Quercus rotundifolia</i> | <i>Quercus robur/otundifolia</i> | <i>Quercus sp.</i> | <i>Olea europaea</i> | <i>Fraxinus angustifolia</i> | <i>Arbutus unedo</i> | <i>Cistus grupo C. albidus</i> | Indeterminado | Total |
|------------------------|--------------|----------------------|-----------------------------|----------------------------------|--------------------|----------------------|------------------------------|----------------------|--------------------------------|---------------|-------|
|                        |              | N.º de fragmentos    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               |       |
| <b>Período Romano</b>  | Fossa 1      |                      | 13                          | 3                                |                    | 1                    |                              |                      | 10                             | 2             | 29    |
|                        | <b>Total</b> |                      | 13                          | 3                                |                    | 1                    |                              |                      | 10                             | 2             | 29    |
| <b>Idade do Bronze</b> | Fossa 2      | 2                    |                             | 1                                | 1                  | 1                    |                              |                      |                                | 1             | 6     |
|                        | Fossa 5      |                      |                             |                                  | 1                  |                      |                              |                      |                                |               | 1     |
|                        | Fossa 6      |                      |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                | 2             | 2     |
|                        | Fossa 10     | 11                   |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 11    |
|                        | Fossa 12     | 7                    |                             |                                  | 4                  |                      |                              |                      |                                |               | 11    |
|                        | Fossa 13     | 6                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 6     |
|                        | Fossa 14     | 14                   |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 14    |
|                        | Fossa 16     | 6                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 6     |
|                        | Fossa 17     | 15                   |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 15    |
|                        | Fossa 19     | 8                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                | 1             | 9     |
|                        | Fossa 21     |                      |                             | 1                                |                    |                      |                              |                      |                                |               | 1     |
|                        | Fossa 22     | 5                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 5     |
|                        | Fossa 28     | 2                    |                             |                                  | 6                  |                      |                              |                      |                                |               | 8     |
|                        | Fossa 29     | 9                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 9     |
|                        | Fossa 31     | 9                    |                             |                                  |                    | 1                    |                              |                      |                                |               | 10    |
|                        | Fossa 32     |                      |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                | 2             | 2     |
|                        | Fossa 33     |                      |                             |                                  |                    |                      | 5                            |                      |                                |               | 5     |
|                        | Fossa 35     | 7                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 7     |
|                        | Fossa 39     | 7                    |                             |                                  |                    |                      |                              |                      |                                |               | 7     |
|                        | Fossa 41     |                      |                             |                                  |                    | 4                    |                              |                      | 24                             |               | 1     |
| Fossa 42               | 5            |                      |                             |                                  |                    |                      |                              | 2                    |                                | 6             | 13    |
| Fossa 44               | 1            |                      |                             |                                  |                    |                      |                              | 3                    |                                | 1             | 5     |
|                        | <b>Total</b> | 114                  | 13                          | 5                                | 17                 | 2                    | 5                            | 29                   | 10                             | 16            | 182   |
| <b>Total</b>           |              | 114                  | 13                          | 5                                | 17                 | 2                    | 5                            | 29                   | 10                             | 16            | 211   |

Da comparação dos resultados obtidos nas amostras de cronologia tardo-romana com os do conjunto de amostras do Bronze, as principais diferenças consistem na “substituição” da madeira de sobreiro pela de azinheira, na ausência de madeira de freixo e de medronheiro e na ocorrência de restos de *Cistus* (género de espécies sufruticosas com lenho de fraca qualidade, que poderá relacionar-se, porventura, com a utilização de ramadas secas no atear das lareiras) em Período tardo-romano. Refira-se, no entanto, o modesto significado paleoambiental dos conjuntos antracológicos exumados, pouco abundantes e selectivamente enviesados, em termos de representatividade paisagística (vegetação, flora e recursos vegetais disponíveis).

## 5. As inumações nas Fossas “silo” 28 e 27

Os trabalhos antropológicos referentes às inumações identificadas nas Fossas “silo” 27 e 28 iniciaram-se pela decapagem dos vestígios ósseos humanos, deixando-se durante a sua escavação, e sempre que o material o permitiu, todas as peças ósseas e dentárias *in situ* até ao levantamento final do esqueleto. O levantamento topográfico foi precedido pelo registo fotográfico pormenorizado de cada enterramento e, sempre que se justificou, de algumas peças ósseas. Ainda antes da sua exumação iniciou-se o preenchimento da ficha antropológica de campo proposta por Santos e colaboradores (1991–1992). As peças ósseas foram sendo levantadas uma por uma e acondicionadas separadamente em sacos devidamente identificados com local de proveniência, número de fossa e de enterramento e designação dos ossos. Sempre que o estado de preservação do material ósseo o permitiu foram anotados, para além dos elementos relativos à orientação e posição de inumação, o sexo e estimativa da idade à morte, bem como as medidas osteométricas e outras observações extraíveis.

Na diagnose sexual utilizaram-se as recomendações de Ferembach & alii (1980), referentes à morfologia do esqueleto, considerando-se ainda os pontos de cisão para as dimensões do úmero, do fémur (Wasterlain, 2000), do astrágalo e do calcâneo (Silva, 2002). Para a estimativa da idade à morte seguiram-se as recomendações propostas por Ferembach & alii (1980), assim como o estágio de fusão da extremidade esternal da clavícula proposto por MacLaughlin (1990).

Procede-se, nesta altura, ao estudo laboratorial dos restos ósseos recuperados das duas inumações, o que permitirá precisar e completar as observações de campo.

### 5.1. O Enterramento 1 (Fossa “silo” 28)

O Enterramento 1, efectuado em posição fetal, corresponde a um indivíduo inumado no seio do preenchimento, pelo menos parcial, que já tinha ocorrido na Fossa “silo” 28 (Figs. 27 e 28). Estava orientado com o crânio para Oeste e os pés para Nordeste/Este. Os membros superiores apresentavam-se flectidos, perfazendo um ângulo de aproximadamente 45° e sobrepondo-se o antebraço esquerdo ao úmero direito, enquanto que os membros inferiores descreviam um ângulo de 60°, encontrando-se a perna esquerda sobre a direita. Estes últimos apresentavam-se bastante flectidos, encontrando-se os joelhos próximos da região do peito e os pés da região da bacia. O crânio estava apoiado sobre o lado direito.

A morfometria verificada no campo sugere que o indivíduo seria um adulto do sexo feminino. A extremidade esternal das clavículas encontra-se encerrada, permitindo estabelecer o limite inferior da idade à morte nos 30 anos.





Fig. 27 Esqueleto 1 (Fossa "silo" 28) *in situ*.



Fig. 28 Fossa da inumação no enchimento da Fossa "silo" 28.

Do ponto de vista paleopatológico, foram detectadas algumas lesões graves, que se circunscrevem sobretudo ao foro oral (tártaro e desgaste) e degenerativo.

Não possuía qualquer tipo de espólio arqueológico associado.

## 5.2. O Enterramento 2 (Fossa "silo" 27)

Este indivíduo foi, analogamente, inumado no enchimento da Fossa "silo" 27 (Fig. 29), a qual se encontra na vizinhança imediata da 28 (Fig. 5). Encontrava-se deitado em posição fetal, segundo a orientação sudoeste (crânio) – nordeste (pés). O crânio, algo degradado, estava deitado sobre a face esquerda. Os membros superiores apresentavam-se flectidos perfazendo um ângulo de 60°, sobrepondo-se o antebraço direito ao úmero esquerdo, enquanto os membros inferiores estavam extremamente flectidos, encontrando-se o pé direito muito próximo da extremidade proximal do fémur direito.

Em termos tafonómicos, verificou-se que apesar da boa preservação do esqueleto, alguns ossos tinham sido removidos da sua posição anatómica, nomeadamente o úmero direito, a clavícula direita, algumas costelas direitas, o íliaco direito e a tibia esquerda, facto que poderá, eventualmente, estar associado a perturbações pós-deposicionais.

O indivíduo inumado é um adulto jovem (25–30 anos), já que a extremidade esternal das clavículas não se encontra encerrada, e muito provavelmente do sexo masculino, segundo a mor-



Fig. 29 Esqueleto 2 (Fossa "silo" 27) *in situ*.

fologia do íliaco esquerdo observada durante a escavação/exumação. Esta diagnose foi corroborada, *in situ*, pelo diâmetro vertical da cabeça do fémur direito e largura epicondiliária do úmero direito.

A observação macroscópica, *in situ*, permitiu também constatar algumas lesões de cariz paleopatológico.

Também esta inumação não possuía qualquer tipo de dádiva funerária.

## 6. Cronologia absoluta

O programa de datação pelo radiocarbono dos contextos do CMESQ3 encontra-se, ainda, numa fase relativamente preliminar. Foram até agora datadas apenas amostras, cuja quantidade de material permitiu a utilização da técnica convencional (espectrometria de cintilação líquida) disponível no Instituto Tecnológico e Nuclear. Novas amostras serão datadas no futuro, fazendo uso da técnica de AMS. As datas obtidas encontram-se na Tabela 3 e a sua representação gráfica na Fig. 30.

| Ref. Lab. | Proveniência     | Amostra                 | $^{13}\text{C}$ (‰) | Data $^{14}\text{C}$ (BP) | Data calibrada (cal BC)* |            |
|-----------|------------------|-------------------------|---------------------|---------------------------|--------------------------|------------|
|           |                  |                         |                     |                           | 1 $\sigma$               | 2 $\sigma$ |
| Sac-2304  | Fossa 31/C2      | Fauna (colag.)          | -21,8               | 2540±110                  | 800-530                  | 860-400    |
| Sac-2303  | Fossa 29/C3      | Madeira carb. (Quercus) | -26,1               | 2780±50                   | 1000-850                 | 1050-820   |
| Sac-2311  | Fossa 41/C1      | Fauna (colag.)          | -21,1               | 2800±40                   | 1000-910                 | 1050-840   |
| Sac-2306  | Fossa 14/C2      | Madeira carb. (Quercus) | -25,0               | 2890±60                   | 1190-1000                | 1260-920   |
| Sac-2309  | Fossa 18/C2      | Fauna (colag.)          | -19,9               | 2900±80                   | 1370-1110                | 1420-1000  |
| Sac-2305  | Fossa 2/C1       | Fauna (colag.)          | -20,4               | 2900±70                   | 1210-1000                | 1310-910   |
| Sac-2248  | Fossa 28/ Ent. 1 | O. humanos (colag.)     | -19,7               | 2990±60                   | 1310-1130                | 1400-1050  |
| (cal AD)  |                  |                         |                     |                           |                          |            |
| Sac- 2302 | Fossa 1/C1       | Madeira carb.           | -24,1               | 1430±50                   | 590-660                  | 540-670    |

\* As datas convencionais de radiocarbono foram calibradas fazendo uso da curva IntCal04 (Reimer & alii, 2004) e do programa OxCal v4.1.1 (Bronk Ramsey, 2001).

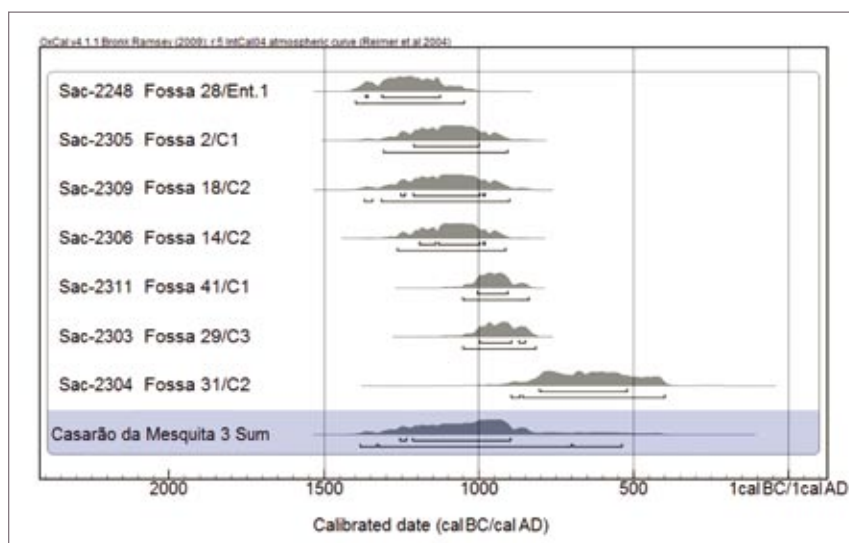


Fig. 30 Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono calibradas obtidas para os contextos pré- e proto-históricos do CMESQ3. Fez-se uso do programa OxCal (Bronk Ramsey, 2001) e da curva de calibração IntCal04 (Reimer & alii, 2004).

Já atrás se referiu que das 49 fossas intervencionadas no CMESQ3, apenas 3 delas teriam uma cronologia tardo-romana. A data Sac-2302, obtida a partir de uma amostra de madeira carbonizada (não sujeita a análise antracológica prévia), indica uma cronologia da segunda metade do século VI ou da primeira metade do VII d.C. para o contexto de preenchimento da Fossa “silo” 1. Embora se disponha apenas de uma data para estes contextos revelados nas Fossas “silo” 1, 4 e 7, a cronologia proposta deverá ser correcta, tendo em conta a análise preliminar efectuada ao conjunto artefactual recuperado nessas estruturas, cuja tipologia tardia nos parece evidente.

Dos contextos atribuíveis à ocupação do Bronze foram já datados sete. Destes destaca-se a datação do corpo inumado na Fossa “silo” 28, a que corresponde a data mais antiga até agora obtida (Sac-2248), indiciando que a inumação terá ocorrido nos momentos finais do Bronze Pleno. Por seu lado, a data Sac-2304 aponta para um período mais recente, integrável porventura na Primeira Idade do Ferro. No entanto, a sua precisão é pequena, pelo que a atribuição do contexto datado ao Bronze Final não é descartável. As restantes datas apontam para o Bronze Final, admitindo que o mesmo se iniciará cerca de 1200 a.C. Note-se que o Enterramento 1, a inumação datada, não deverá corresponder aos primeiros momentos de ocupação do CMESQ3 — o fragmento de cerâmica Proto-Cogotas (Fig. 19, n.º 6) ou os vasos n.ºs 2 e 6 da Fig. 16, por ex., apontam para momentos mais recuados do Bronze Pleno.

## 7. Considerações finais

A visão que se obteve deste sítio arqueológico é naturalmente limitada pelo tipo de intervenção de campo que teve lugar, condicionada pelas características peculiares da obra em causa, que se desenvolveu ao longo de um corredor rectilíneo com cerca de 6 m de largura. No entanto, se se tiver em conta a extensão identificada deste sítio, de cerca de 76 m, o número de fossas e a sua dispersão, então será altamente provável que a ocupação da Idade do Bronze do CMESQ3 exceda naturalmente os limites da obra, quer para SW, quer para NE.

Para a escolha deste local concreto para a escavação das Fossas “silo”, numa pendente suave, em terrenos de boa aptidão agrícola, próximo da ribeira do Albardão, terão pesado também as características do próprio substrato rochoso granítico — brando, fácil de escavar, mas com a compactidade necessária para que as paredes das estruturas aí escavadas não se desagregassem. Mesmo as zonas de concentração de fossas, a SE e a NW no corredor da obra, podem eventualmente reflectir a escolha de zonas do substrato mais favoráveis à escavação. Na primeira concentração estão presentes 18 estruturas, num troço de corredor de 22 m, enquanto na segunda foram registadas 23 estruturas, num troço de 24 m. Estas concentrações são tanto mais evidentes quanto, entre elas, existe um troço de corredor de cerca de 30 m, onde estão presentes apenas 5 Fossas “silo” dispersas por todo aquele espaço.

A intervenção arqueológica no CMESQ3 (ocupação da Idade do Bronze) não evidenciou a existência de quaisquer outras estruturas para além das 46 estruturas negativas identificadas. Apesar de não se terem identificado outras estruturas coevas (tais como buracos de poste, alinhamentos de pedras ou pavimentos), aquelas 46 fossas deverão estar associadas a uma área de habitat do mesmo período. Ainda assim, não se identificaram nenhuns artefactos atribuíveis à Idade do Bronze na prospekção superficial efectuada na área do CMESQ3 ou na sua vizinhança imediata. Contudo, a agricultura “intensiva” que tem sido praticada naquela área, muito provavelmente desde a Época Romana, terá provocado a elevada fragmentação e rolamento da cerâmica do Bronze, tornando impossível a atribuição de quaisquer vestígios artefactuais de superfície àquela época.

A diversidade das formas e das dimensões das Fossas “silo” poderá relacionar-se com questões de funcionalidade, com as características específicas dos produtos a armazenar, à sua quantidade ou de acesso aos mesmos. Existe uma situação concreta, detectada na Fossa “silo” 16, que poderá estar relacionada com questões de funcionalidade ou de acesso ao interior da estrutura — existem duas perfurações laterais na parede da Fossa “silo” (Fig. 10), diametralmente opostas, uma a NW e outra a SE, mais ou menos à mesma profundidade (a cerca de 40 cm a partir do topo conservado). Poderiam ter servido para a fixação de uma trave, o que permitiria um acesso ou uma recolha mais fácil dos produtos aí armazenados. Também, como já foi referido, os casos de adossamento de fossas muito pouco profundas a fossas profundas (fossas 11–10 e 20–18) indiciam que, na de menor profundidade, se poderia realizar a preparação de um produto a ser armazenado, posteriormente, na de maior profundidade. Que produtos seriam armazenados nas fossas, qual a sua função primária, que funcionalidades tiveram durante a sua vida útil, como foram colmatadas (pelo Homem ou por agentes naturais), são questões que permanecem por responder na maior parte dos casos. A análise dos restos orgânicos recuperados dos seus enchimentos não permitiu maior esclarecimento sobre estas questões.

O estudo dos restos lenhosos carbonizados sugere a utilização, neste sítio arqueológico, de madeira de sobreiro, de zambujeiro/oliveira, de freixo e de medronheiro, durante a Idade do Bronze. Em termos de reconstituição do coberto vegetal, com base nos resultados obtidos, poderá referir-se a presença, nessa época, de formações esclerófilas de carácter mediterrânico, representadas pelo medronheiro, pelo zambujeiro/oliveira e pelo próprio sobreiro. As matas caducifólias de galeria, bordejando as linhas de água, estão representadas pela madeira de freixo.

Nas amostras da Época Romana, para além do zambujeiro/oliveira ocorre madeira de azinheira e de *Cistus* testemunhando a ocorrência dos azinhais esclerófilos mediterrânicos, bem como de formações de charneca de cistáceas, vegetação de carácter eco-artefactual fortemente antropizado (*sensu* Mateus, 1990, 2004).

O padrão representado, ressaltando-se o seu já comentado limitado valor como evidência, é compatível com um desenvolvimento vegetacional e ambiental no sentido de uma maior xerificação e antropização da paisagem durante a Época Romana, com a expansão dos azinhais continentais termomediterrânicos mais secos, em detrimento dos sobreirais de bioclimatologia mais moderada e oceânica (mesomediterrânicos), e também uma maior degradação antrópica do coberto vegetal com uma presença mais acentuada das charnecas e garrigues de caméfitos e nanofanerófitos, cobrindo parte das áreas previamente ocupadas pelos matos e matagais esclerófilos de medronheiro. Este padrão de evolução bioclimática é genericamente concordante com os dados paleoecológicos obtidos a partir do estudo das turfeiras do litoral norte alentejano, onde se evidencia uma tendência crescente de xerificação e degradação antropogénica da paisagem durante o Holoceno Recente (Mateus, 1992; Queiroz, 1999). Durante esta última fase climática do Holoceno, tal como definida pelos autores citados, cujo início (cerca de 3200 BP) é marcado por uma fase muito húmida, foram identificadas diferentes fases climáticas de diferente carácter pluviométrico, com períodos mais secos na II Idade do Ferro e início do Período Romano, momentos húmidos com re-paludificação dos sistemas lagunares durante o Médio Império, e uma nova fase mais xérica durante o Período Tardo-Romano (Mateus, 1992).

Da análise do conjunto artefactual recuperado dos enchimentos das estruturas negativas identificadas durante a intervenção de campo, algumas inferências importantes se podem retirar. No que concerne à ocupação pré- e proto-histórica, a conjugação da tipologia cerâmica aí identificada com as datas de radiocarbono que já foi possível determinar, torna possível afirmar que a mesma se desenvolve desde o Bronze Pleno, provavelmente desde os séculos XVII/XVI a.C., tendo

em conta as datações absolutas obtidas para a cerâmica Proto-Cogotas do Carrascalejo (Enríquez Navascués & Drake García, 2007), prolongando-se pelo Bronze Final e terminando, porventura, já no Ferro Antigo (Sac-2304). Se essa ocupação é contínua, sem hiatos, ou não, é matéria que os dados até agora obtidos não permitem aceder com segurança. Destaca-se, no referente aos contextos do Bronze Final, a ausência total de cerâmicas de ornatos brunidos, quando para essa época e para a região de Évora essa cerâmica não é rara — por exemplo, na Coroa do Frade (Arnaud, 1979) ou no Alto do Castelinho da Serra (Gibson & alii, 1998). O significado dessa ausência permanece, por agora, obscuro, tal como também ainda não é clara a relação entre os povoados coevos fortificados e estes sítios de habitat como o CMESQ3. Os vestígios evidentes da prática da metalurgia do bronze, bem como os artefactos ligados à agricultura ou à vida quotidiana, recuperados dos enchimentos das estruturas negativas, atestam não só a existência de uma área de habitat que lhe devia ficar muito próxima, mas também uma relação estreita entre essas estruturas e essa área de habitat.

Deverá destacar-se o facto de que, pela primeira vez, no interior alentejano, surgem no registo arqueológico sítios de habitat com uma cronologia do Bronze Pleno. Também não será demais referir que estas grandes concentrações de estruturas negativas, denominadas de “campos de hoyos” na literatura espanhola, com cronologias do Bronze Pleno e do Bronze Final, eram desconhecidas até há pouco no Sudoeste ibérico. A identificação do sítio do Carrascalejo, na Extremadura (Enríquez Navascués & Drake García, 2007), e, no Alentejo, do Casarão da Mesquita 3 e 4, da Horta do Albardão 3 e do Monte da Cabida 3, na área de Évora, da Pedreira de Trigaches 2 e 3, Horta do Paneque, Horta do Jacinto e Vinha das Calças 5, na área de Trigaches, e da Salsa 3, Santa Margarida e Entre Águas 5, na área de Serpa (Antunes & alii, 2008), estendem para sul e oeste realidades arqueológicas muito semelhantes àquelas que já eram conhecidas no Centro e Norte da Península Ibérica.

Por fim, os enterramentos registados nas Fossas “silo” 28 e 27 merecem, igualmente, algumas reflexões e comentários. Também este tipo de inumação, com uma cronologia do Bronze Pleno ou do Bronze Final era desconhecido dos rituais funerários desta época nesta região (Soares & alii, 2008). Se o indivíduo era inumado em posição fetal, tal como acontece nas inumações em cista, já as dádivas funerárias parecem estar ausentes neste tipo de inumação ao contrário do que acontece nas efectuadas em cistas, onde vasos de cerâmica e artefactos metálicos são comuns. O significado dessa ausência poderá estar relacionado com o próprio ritual, mas parece mais provável que a mesma se deva ao estatuto social do inumado. A maior ou menor riqueza das dádivas funerárias, no mundo da Idade do Bronze, tem sido interpretada como indiciadora do estatuto social do inumado a quem essas dádivas se encontram associadas. O padrão de ausência dessas dádivas nas inumações em Fossas “silo” sugere que as mesmas correspondem a indivíduos, do sexo masculino ou feminino, de baixo estatuto social nas comunidades que praticavam esses rituais. Mesmo a própria tipologia funerária aparenta ser social e economicamente diferenciadora, se se considerar o investimento distinto que é necessário efectuar para a construção das cistas e para o reaproveitamento de fossas. Estas requerem, quando muito, a escavação parcial do seu conteúdo sedimentar, enquanto as cistas implicam o uso de matéria-prima pétreia adequada (trabalhada para o efeito em forma de lajes de dimensões diversas, algumas delas, as laterais e a tampa, de grande tamanho e peso), oriunda de fontes de abastecimento mais ou menos afastadas do local da necrópole, o que tornaria a construção das cistas mais onerosa e inacessível a uma parte da comunidade.

A análise que efectuámos dos dados provenientes da intervenção de campo no CMESQ3 se, por um lado, permitiu adquirir novos conhecimentos sobre o Bronze do Sudoeste na bacia do Guadiana Médio, por outro, além de colocar novas questões na interpretação dos dados do registo arqueológico e que necessitam de mais investigação para se obterem respostas seguras, fez realçar

que em intervenções deste tipo — em que apenas a área a afectar pela obra é objecto de intervenção arqueológica — dados importantes para o conhecimento do sítio, como a sua extensão ou como se desenvolve a ocupação do mesmo, permanecem na obscuridade. A utilização de técnicas de geofísica daria um contributo importante para a resolução destas últimas questões, a qual é imprescindível para uma correcta interpretação destes sítios de planície ainda tão mal conhecidos.

## Agradecimentos

Os nossos agradecimentos para os colegas da ArqueoHoje, designadamente para João Perpétuo, Rui Barbosa, Edgar Figueira, Nádia Figueira, Helena Barranhão, Sónia Cravo, Óscar Teixeira e José Oliveira pelo empenho e profissionalismo que demonstraram na intervenção em CMESQ3. Também para o Paulo Marques, autor da fotografia que se apresenta na Fig. 4 e pelo apoio prestado durante a intervenção de campo. Por fim, o nosso obrigado ao Rui Monge Soares pela tintagem dos desenhos dos artefactos, ao José Manuel de Matos Martins e Luis Monge Soares pelo apoio dado no tratamento informático de muitas das figuras constantes neste trabalho.

As análises arqueométricas — datações pelo radiocarbono, análises por EDXRF, análises antracológicas — foram financiadas pelo IPA/IGESPAR, através do Projecto de Investigação, integrado no PNTA, intitulado “O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda Portuguesa do Guadiana. Fortificações, Áreas Rituais, Cronologias”, o que se agradece.

---

## NOTAS

\* ArqueoHoje. Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.  
santos.philipe@gmail.com  
zelimaria@hotmail.com

\*\* Grupo de Química Analítica e Ambiental  
Instituto Tecnológico e Nuclear  
Estrada Nacional 10  
2686-953 Sacavém  
amsoares@itn.pt  
pvalerio@itn.pt  
faraujo@itn.pt

\*\*\* IGESPAR / Extensão de Castro Verde  
Rua D. Afonso Henriques, 98  
7780-183 Castro Verde  
mdeus@igespar.pt

\*\*\*\* Terra Scenica. Centro para a criatividade partilhada das ciências, artes e tecnologias.  
pfqueiroz@netcabo.pt

\*\*\*\*\* Câmara Municipal de Serpa  
Praça da República  
7830-389 Serpa  
asofia@cm-serpa.pt

<sup>1</sup> A intervenção arqueológica de salvamento foi adjudicada pelo promotor da obra, EDIA, Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas de Alqueva, S.A., à empresa de arqueologia ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.

<sup>2</sup> Optou-se por esta designação para uma maior facilidade de distinção de outras tipologias como, por exemplo, as das fossas correspondentes aos designados “fundos de cabana”, as quais ocupam, cada uma, uma área muito maior, com limites geralmente irregulares, mas de menor profundidade, ou as associadas a lareiras ou fornos. Com a designação Fossas tipo “silo” ou Fossas “silo” não se pretende sugerir que a sua função original ou em qualquer altura da sua utilização tivesse sido a de um silo, mas sim que a sua tipologia é semelhante à daquelas que o registo arqueológico permite atribuir, com alguma segurança, essa funcionalidade (veja-se, por exemplo, a Fossa 9 da Pedreira de Trigaches 2, forrada com cortiça e com milhares de sementes de cevada no fundo, em Antunes & alii, 2008).

<sup>3</sup> No texto que se segue não se fará referência à cerâmica de cronologia romana ou tardo-romana recuperada nas Fossas “silo” 1, 4 e 7, a qual se encontra ainda em estudo.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ana Sofia; DEUS, Manuela de; SOARES, António Manuel Monge; SANTOS, Filipe; ARÊZ, Luís; DEWULF, Joke; BAPTISTA, Lúcia; OLIVEIRA, Lurdes (2008) - Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana. In “*Sidereum Ana II (Mérida, 2008)*” (no prelo).
- ARNAUD, José Morais (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora: escavações de 1971/1972. *Madridier Mitteilungen*. Heidelberg, 20, pp. 56–100.

- BRONK RAMSEY, Christopher (2001) - Development of the Radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 43, pp. 355–363.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier; DRAKE GARCÍA, Bárbara (2007) - *El Campo de Hoyos de La Edad del Bronce del Carrascalejo (Badajoz)*. Mérida: Junta de Extremadura (Memorias de Arqueología Extremeña; 7).
- FEREMBACH, Denise; SCHWIDETZKY, Ilse; STLOUKAL, Milan (1980) - Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*. London. 9, pp. 517–549.
- GIBSON, Catriona; CORREIA, Virgílio Hipólito; BURGESS, Colin Brian; BOARDMANN, S. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal): a preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990–1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, pp. 189–244.
- MacLAUGHLIN, Susan M. (1990) - Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 8, pp. 59–68.
- MATEUS, José Eduardo (1990) - A teoria da zonação do ecossistema territorial. In GAMITO, Teresa, ed. - *Arqueologia Hoje I. Etno-Arqueologia*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 196–219.
- MATEUS, José Eduardo (1992) - *Holocene and present-day ecosystems of the Carvalhal Region, Southwest Portugal*. PhD Thesis, Utrecht University, 184 pp.
- MATEUS, José Eduardo (2004) - Território antigo. *Estudos do Património*. Lisboa. 7, pp. 36–44.
- MOHEN, Jean-Pierre (1990) - *Métallurgie préhistorique*. Paris: Masson.
- NUNES, Susana; CORGA, Mónica; BASÍLIO, Lília; FERREIRA, Maria Teresa; COUTO, Rui; ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2007) - Fossas escavadas na rocha do Casarão da Mesquita 4 (S. Manços, Évora). *Al-madan online*. Almada. II Série, 15, pp. 9–10.
- QUEIROZ, Paula Fernanda (1999) - *Ecologia histórica da paisagem do Noroeste Alentejano*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade.
- REIMER, Paula J.; BAILLIE, Mike G. L.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BERTRAND, Chanda J. H.; BLACKWELL, Paul G.; BUCK, Caitlin E.; BURR, George S.; CUTLER, Kirsten B.; DAMON, Paul E.; EDWARDS, R. Laurence; FAIRBANKS, Richard G.; FRIEDRICH, Michael; GUILDERSON, Thomas P.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KROMER, Bernd; McCORMAC, Gerry; MANNING, Sturt; BRONK RAMSEY, Christopher; REIMER, Ron W.; REMMELE, Sabine; SOUTHON, John R.; STUIVER, Minze; TALAMO, Sahra; TAYLOR, F. W.; VAN DER PLICHT, Johannes; WEYHENMEYER, Constanze E. (2004) - IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0–26 cal kyr BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 46:3, pp. 1029–1058.
- SANTOS, Ana Luisa; CUNHA, Eugénia; DÂMASO, Nuno; MARRAFA, Lucília do Carmo (1991–1992) - Ficha antropológica: a utilizar na escavação. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 9–10, p. 67.
- SANTOS, Filipe J. C.; SOARES, António Manuel Monge; RODRIGUES, Zélia; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima (2009) - A Horta do Albardão 3: um Sítio da Pré-História Recente, com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora). In “*Actas do Colóquio Monsaraz e seu Termo (Reguengos de Monsaraz, 17–19 Abril 2009)*” (no prelo).
- SILVA, Ana Maria (1995) - Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 13, pp. 107–120.
- SOARES, António M. Monge; VALÉRIO, Pedro; FRADE, José C.; OLIVEIRA, Maria J.; PATOILLO, Diana; RIBEIRO, Isabel; AREZ, Luís; SANTOS, Filipe J. C.; ARAÚJO, Maria de Fátima (2007) - A Late Bronze Age stone mould for flat axes from Casarão da Mesquita 3 (São Manços, Évora, Portugal). In *Proceedings of the 2<sup>nd</sup> International Conference “Archaeometallurgy in Europe” (Aquila, Italy, 17–21 June 2007)*. Milano: Associazione Italiana di Metallurgia. (CD Rom).
- SOARES, António M. Monge; SANTOS, Filipe J. C.; DEWULF, Joke; DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia (2008) - Práticas rituais no Bronze do Sudoeste: alguns dados. In *Actas do II Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa: práticas rituais entre o IV milénio e o I milénio a.C. no território português (Lisboa, 3 de Dezembro de 2008)* (no prelo).
- WASTERLAIN, Rosa Sofia da Conceição Neto (2000) - *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.